

«Só com o ardor apetecemos o que não possuímos, porque com a posse o apetite se esvae. Possuir não é gozar. Somente gozariam com a realidade, os que já não aspirassem; mas não aspirar é não ter desejos, não ter esperanças, é estar morto moralmente.»

SCIPÍAO FERREIRA

(Preço avulso: 5\$00 N.º 737
ANO XXVII 2/8/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Telef. 6 25 36 LOULÉ

A CRISE REVELADORA

As emanações socialistas saídas da geração de 20 nunca criaram raízes no povo português não obstante o prestígio dessa mesma geração que se prolongou nas décadas seguintes e que ainda hoje não se extinguiu por completo.

Na verdade o 31 de Janeiro nada deveu ao socialismo e o 5 de Outubro nasceu e viveu sem ele que, nos 48 anos de cativeiro, não deu sinal de si, nem mesmo na clandestinidade.

Por isso o seu triunfo nas eleições de 1975 aparentou de surpresa os observadores que não haviam baseado os seus cálculos no terror que cilindrara as massas populares com a movimentação dos comunistas, ajudada pelo PREC e pela dinamização feita com a 5.ª Divisão do Exército.

Então todas as ténues correntes políticas que ousavam aparecer eram vannidas à nascença, e o próprio Partido Socialista era olhado com desconfiança mas sem a fúria da destruição.

Nas primeiras eleições que surgiaram nelas se encapuzava a favor dos socialistas o grosso das massas temerosas, impelidas pelo princípio da preferência do menor mal, entre dois males que se apresentam — socialista e comunista.

Aos restantes partidos políticos coube a repartição dos eleitores mais conscientes e menos cínicos e ambiciosos.

Deste fenómeno logo se parte para o desfazer do Partido Socialista à medida que o terror se vai diluindo, e as massas vão adquirindo consciência do seu valor e da sua força.

A ambiguidade seja pelo que for é sintoma de falta de personalidade

A ambiguidade como forma de expressão pessoal ou de grupo, traduz-se por comportamentos e atitudes controversas.

Quem se expressa pela ambiguidade caracteriza-se por falta de personalidade, que pode ser total ou parcial, dependendo do grau de ambiguidade e dos motivos. No caso de total falta de personalidade a ambiguidade é extrema e, normalmente, os indivíduos deste tipo não ocupam lugares, ou não desempenham

Mário Soares apercebeu-se do fenómeno, e tanto que na propaganda para as eleições seguintes, — as primeiras legislativas, — usou de uma linguagem menos convulsiva, de modo a infundir confiança nas massas espavoridas que mesmo assim, não deixaram de desertar nas eleições seguintes, em número superior a 200 mil.

Mas demagogo, volátil e ambicioso como é, Mário Soares não é homem para deter a marcha do seu partido para o *nada*.

Inclusivamente não soube defender-se do fenómeno da abstenção do eleitorado quando votou, com o P. C., contra o projecto de lei que criava o voto obrigatório, só para poder dizer, com este, que não aceitava o

(continua na pág. 2)

CONSAGRAÇÃO NACIONAL DE UMA ARTISTA LOULETANA

Condecorada com a Comenda da Instrução Pública a pianista MARIA CAMPINA

O dia 19 de Julho de 1979 não foi apenas o dia que consagrou Maria Campina como artista de craveira nacional, mas simbólica também o reconhecimento do esforço, da persistência, da capacidade executiva e criadora de alguém que à arte musical tem de-

dicado apaixonadamente toda a sua vida.

Maria Campina é uma artista na verdadeira acepção da palavra — porque tem consagrado a sua existência à arte musical e dela tem vivido com aquela felicidade de quem sente realizados os seus sonhos. E, se é verdade que, desde menina e moça, sonhou ser uma pianista de mérito podemos afirmar que conseguiu esse objectivo. E plenamente.

E Loulé orgulhava disso porque Maria Campina já é considerada, de entre os seus filhos, como uma das mais proeminentes figuras da arte.

E Loulé orgulhava disso porque Maria Campina já é considerada, de entre os seus filhos, como uma das mais proeminentes figuras da arte.

funcões de relevância, sendo diminuções mentais, sem aceitação e, como tal, podem-se considerar casos patológicos. O mais vulgar é encontrar a ambiguidade relacionada com uma fraqueza ou falta parcial de personalidade, sendo relevante, quando o indivíduo desempenha funções, para as quais lhe falta a devida preparação e capacidade.

Se um indivíduo ocupar um cargo, que exige mais do que a

(continua na pág. 2)

ATÉ O LEITE JÁ SUBIU DE PREÇO! PASSOU DE 4\$00 A 4\$10

Não se assuste, senhor leitor. O leite, esse branquinho líquido que esconde das tetas da vaca, subiu de preço, mas na casa das dezenas. O título em epígrafe viu publicado em caixa alta, na primeira página, com foros de escândalo, no número 535 de «A Voz de Loulé», publicado neste mesmo lugar, no dia 3 de Abril

de 1974, exactamente 22 dias antes da Abrilada.

É claro, não vamos cair no lugar comum do reaccionarismo, de que a revolução dos capitães de Abril, é que foi a exclusiva culpa de tudo de então para cá se passou. Que já antes do evento, as vacas se agitavam, e re-

(continua na pág. 10)

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

PORTA PAGO

Alte aguarda com impaciente dignidade

1 - A ESTRADA DE SERNADAS — uma necessidade mediata e imediata entre necessidades futuras

Por J. F. TORRES

Desde a longínqua era em que o Homem, para sua utilidade e segurança, aprendeu a domesticar animais, o cão passou a ser considerado um animal de estimação, de enormes potencialidades, e, imensas tarefas lhe têm sido confiadas ao longo da gigantesca caminhada da Humanidade. É por isso, e muito mais, que o Fiel Amigo, agora mais que nunca, deverá ser preservado e acarinhado. A sua preservação e os cuidados a ter com o Fiel Amigo

(continua na pág. 8)



Um aspecto típico de Alto

nomeadamente de Sernadas (que para o efeito percorreram cerca de 5 Km a pé) povoação que aguarda, ansiosamente, a construção de 9 Km da projectada estrada Alto-Sernadas-Azinhais. Existe um caminho de terra batida, que o tempo se encarregou de tornar intransitável tendo os membros da Assembleia percorrido uma pequena parte dessa penosa via e, após exame «in loco» concluíram que a sua deterioração está bem vincada pela ação destruidora das enxurradas.

Este péssimo caminho serve de via de comunicação a cerca

(continua na pág. 6)

A POTENCIALIDADE ECONÓMICA DO DESPREZADO ALGARVE

Enquanto os responsáveis procuram destrancar as portas de saída para a crise, dialogando com os ouvidos moucos da partidarite — situação pendular, que inter-

rompe as ténues tentativas para a normalização da vida democrática — o País continua a marcar passo numa geral saturação!

Os problemas de trabalho, camaradas gêmeos das grandes crises, agitam-se ante a desigualdade de leques salariais, onde uns ganham principescamente sem nada produzirem, e outros dificilmente conseguem ludibriar o estômago, trabalhando como escravos, de sol a sol!

Sucessivos governos sem prática ou competência administrativa e sem perceber patavina de gestão, seleccionam afilhados e simpatizantes da mesma craveira e incompetência profissional, que levam à ruína empresas industriais outrora prósperas, agorizando num total desmantelamento.

(continua na pág. 8)

Ao serviço dos cidadãos

Certos funcionários de repartições públicas não cumprem, com zelosa prontidão e verdadeiro espírito de humana utilidade,

A CASA DA SORTE
Inaugurou em Faro
modernas e eficientes
instalações

a missão que lhes foi cometida adentro dos serviços que ocupam. Não raro acontece vermos aglomerado, à boca dos «guichets» ou junto dos balcões das repartições públicas, número incontável de cidadãos que aguardam, com a desesperante impaciência de quem não dispõe de tempo despidigável, que os funcionários

(continua na pág. 8)

A CRIANÇA

...Deve ser educada em espírito de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e fraternidade universal, e no sentimento de que deve consagrar a sua energia e os seus talentos ao serviço dos seus semelhantes.

A CRISE REVELADORA

(Continuação da pág. 1) princípio da restrição das liberdades. E a sua megalomania não lhe deixou ver que a liberdade do P.C. e talvez a que só é usada por ele para a estrangular, e que os militantes deste não podem usar da liberdade de absutherford-se.

Sem força suficiente para governar só, Mário Soares não quis aceitar a participação de qualquer outro partido no governo faltando-se da rivalidade do PSP e CDS com o PC, era guiado pelo pensamento do que seria bom para este seria inaceitável para aqueles, e vice-versa, até que a moção de confiança reprovada por todos lhe desfez a ambição e o gosto do poder sem participação.

E então deveria ter ficado consciente de que governar com habilidade não se consegue beneficiar o país e que nada conseguia para bem da Nação, repetindo-se.

Se então nada conseguiu, não obstante as concessões feitas ao P.C., agora não lhe foram consentidas, e ainda bem para todos nós portugueses.

Desta vez Mário Soares deu tudo por tudo para conseguir ser governo, sem se importar com a sua afirmação recente de que seu partido não o aceitaria antes das próximas eleições onde colheria uma cabazada de votos suficientes para ser governo, sem a participação de outros partidos.

E como governaria ele no presente momento?

Governaria com o seu partido, ou o seu partido governaria com alguns elementos dissidentes do PSD?

E porque estes lhe diziam que não, atreveu-se ele declarar na televisão, que bastaria um sorriso do P. R. para conseguir deste a sua aquiescência.

E pronto! Assim obtinha quorum necessário para Mário Soares ser Governo.

Além da maneira ridícula como pretendia arranjar o quorum necessário, não seria por este modo que obteria a adesão dos ex-PSD que depois de tal declaração não deixariam de se sentir vexados por supó-los susceptíveis a um sorriso pre-sidencial para a sua adesão.

Todavia isto tem pouca importância; o que importa é conhecer-se o furioso capricho que levou Mário Soares a esquecer a decência e as suas próprias afirmações anteriores.

Ora, como poderia Mário Soares governar somente com alguns ex-PSD no seu governo?

Ter-se-á ele esquecido do que lhe aconteceu com o CDS?

Certamente que não. O que ele girava agora era manter um governo de acordo com o PCP.

Depois os ex-PSD que estrebariam a vontade, ou que se fossem embora, que ele não seria derribado na Assembleia onde não voltaria a apresentar a moção de confiança, ou, se a apresentasse, seria de acordo com o PC que lhe daria a sua confiança mercê de cedências funestas para o País, para a Democracia e para a Liberdade.

Fosse como fosse, Soares e Cunhal governariam à vontade, legislariam descrecionariamente com a sua maioria da esquerda.

Mas seria Cunhal que tiraria proveito de tudo o que fosse feito, já que a ambição de Mário Soares tudo cederia para se manter no Governo, e Cunhal tudo, tudo lhe exigiria para estrangular a Democracia e a Liberdade.

Desta calamidade, desta grande desgraça, nos libertou o P. R. com a dissolução da Assembleia da República.

Todavia, parece-nos que nem tudo o que acompanhou o comunicado do P. R. é louvável e legal.

Exemplo:

«O primeiro ponto que se deve sublinhar — diz-se no comunicado — é que essas eleições serão exclusivamente intercalares. Quer isto dizer que em nenhuma circunstância o próximo acto eleitoral poderá substituir as eleições legislativas de 1980».

Ora isto é que não pode ser. Isto é matéria anti-constitucional; é uma clara e manifesta violação da Constituição que o Sr. P. R. não pode e não deve cometer.

As eleições que vão realizar-se em Outubro efectuam-se na 4.ª sessão legislativa, a última legislatura, e cabe à Assembleia que resultar dessas eleições completar a legislatura em curso e perfazer a seguinte, nos termos do artigo 174 da Constituição que diz o seguinte, no seu n.º 3:

«Verificando-se a eleição, por virtude de dissolução, durante o tempo da última sessão legislativa, cabe à Assembleia eleita completar a legislatura em curso e perfazer a seguinte, nos termos do artigo 174 da Constituição que diz o seguinte, no seu n.º 3:

«Verificando-se a eleição, por virtude de dissolução, durante o tempo da última sessão legislativa, cabe à Assembleia eleita completar a legislatura em curso e perfazer a seguinte».

Perante um texto tão claro nada há que possa invalidar ou limitar o poder e alcance da Assembleia que for eleita nas próximas eleições, nem mesmo a afirmação do Sr. Presidente da República, ainda que lhes chamem *intercalares* que, aliás não são nomeadas na Constituição.

xxx

Outro paradoxo que por aí se avanta é a apresentação antecipada de um programa do governo que ainda não existe, pois o que existe deve continuar até às

PRÉDIO VENDE-SE

Com chave na mão, na Rua Gil Vicente, 23.

Tratar pelo Telef. 62765 — LOULÉ.

(4-3)

Monte vende-se

A 2 Km de Loulé, com alfarrobeiras, oliveiras e amendoeiras, cisterna, luz e facilidades de regadio. Tem duas casas de residência e grande armazém.

Perto da estrada Loulé-Querença, no sítio de Corgos de Santa Luzia (sítio do Paixanito).

Tratar pelo Telefone 62175 — LOULÉ.

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS

CARTAZES PUBLICITÁRIOS

Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA

(10-4)

A CASA DA SORTE inauguru em Faro modernas e eficientes instalações

(Continuação da pág. 1) dos administradores que sucessivamente foram alargando a sua actividade ao Porto, Lisboa, Coimbra, Lobito, Luanda e Lourenço Marques.

Encerradas estas 3 últimas cursais (em consequência da «exemplar» descolonização), a Casa da Sorte está agora interessada em alargar a sua actividade por este pequeno espaço europeu de Portugal, criando novos postos de trabalho para os regressados daquelas cidades africanas.

Faro, foi agora a cidade escolhida, talvez porque o Algarve oferece perspectivas de progresso económico que todos desejamos que seja rápido e eficiente, como rápidos e eficientes foram os obreiros das novas e magníficas instalações da nova Casa da Sorte, que teve a sorte de poder instalar-se em pleno coração do centro comercial da capital algarvia: a Rua de Santo António, n.º 24.

Para tornar mais festiva esta inauguração, a administração da Casa da Sorte trouxe até ao Algarve um numeroso grupo de gi-

gantes e cabeçudos, acompanhados de gaiteiros de gaita garlega, que divertiu a população de Faro na véspera do dia da inauguração, a qual foi ainda assinalada com um magnífico beberete primorosamente servido pela Pastelaria Gardy, e que contou com a presença de S. Ex.º Reverendíssimo o Sr. Bispo do Algarve, Srs. Governador Civil de Faro, Presidente da Câmara de Faro e outras entidades oficiais e ainda representantes da imprensa.

Pela Casa da Sorte estiveram presentes o Presidente do Conselho de Administração sr. Avelino de Magalhães; o Administrador sr. Ernesto António Palha da Silva; o gerente da sucursal de Faro, sr. Mário José Gonçalves da Silva; o gerente da sucursal de Setúbal e os 7 funcionários de Faro.

Falecido há 2 anos, o Comendador Nogueira da Silva foi um homem de bem durante toda a sua vida, praticando a caridade com a prodigalidade que os seus bens lhe permitiam, tendo por isso recebido elogios galardões de benemerência.

A sua natural inclinação para beneficiar os mais desfavorecidos levaram-no a fazer construir em Braga um bairro, sem pagamento de renda, mas com a condição de o inquilino sair logo que os seus rendimentos lhe permitissem pagar uma renda, dando assim lugar a outra família menos afortunada.

Também não podemos deixar de assinalar uma outra particularidade do homem que fundou e dinamizou a expansão da Casa da Sorte, o que revela a justiça dos seus ideais de solidariedade para com os seus mais dedicados colaboradores. Queremos referir-nos ao simpático gesto de ter deixado em testamento todas as suas ações da firma aos empregados, na proporção da sua antiguidade.

Devido a este facto, são hoje accionistas da empresa 115 dos seus 160 empregados, o que naturalmente contribui para que os problemas da Casa da Sorte sejam tratados com aquele zelo de quem trata dos seus próprios problemas, o que representa uma simpática posição para a qual vão evoluindo as sociedades modernas — em choque frontal contra a degradante situação naqueles atrasados países onde todos trabalham escravizados pela tirania dum Estado opressor e despótico.

Agradecemos à gerência da Casa da Sorte a amabilidade do convite que nos dirigiu.

LOUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,
n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

COMPRA-SE

TERRENO OU PRÉDIO PARA DEMOLIR, DE

PREFERÊNCIA C/ PROJECTO APROVADO.

CONTACTAR PELO TELEF. 62449 — LOULÉ.

Conversas com a Ti' Gertrudes

Crónica
de LUIS PEREIRA

Não se trata da Ti' Gertrudes da reacção, a esposa do Pai Tomás. Essa sempre conheceu a assistência, o amparo e o conforto. Trata-se da Ti' Gertrudes que enviou há anos, que tem levado uma vida de cansaças, que recebe uma misera pensão e gasta um dinheirinho em remédios.

Diga-me lá, oh Ti' Gertrudes se está contente com o regime democrático, se agora tem mais dinheiro para comer, vestir e calçar?

Ai, filhol Toda a vida tenho trabalhado como tu vês, mas agora os pregos das coisas estão insuportáveis. O dinheiro não dá para nada. Tenho para aí esses balaios e essas alcofes, ninguém os quer comprar. Ainda ontem comprei uns carapaus já podres, pois não posso comer sardinhas por causa da vesícula, a cem paus o quilo. Valha-nos Deus, Nossa Senhora! Parece que é o Diabo que entrou nesta casa. Eu, contente com a democracia? A velhice é uma coisa muito triste. Como posso eu, encarar esses agitadores, essas galárias de coxas à veia que já não têm respeito nenhum, esses que andam a falar nos pobres mas que querem roubá-los? Que pouca vergonha! Os filhos já não respeitam os pais, na telefonia já se fala em merda, a televisão já mostra essas prostitutas todas nuas. Ai! Ai! Ai! Só vagabundos, barbudos, elas todas pintadas, só inconsistentes e loucos! Foi o que o 25 de Abril nos trouxe!

Mas, oh Ti' Gertrudes, não acha que o mundo vai evoluindo e que a senhora não pode prender-se a tantos preconceitos? A época é outra...

Qual preconceitos, qual capuz! Está tudo correndo como dizia o Bandarra. Isto vai para o fim do mundo. Então não vês que mais logo já não se sabe quem é mogo ou quem é moça? Eles de cabelo grande e elas de calças...

A ver se no meu tempo eu deixava a minha filha pintar os beiços ou pôr carvão nos olhos! As raparigas eram muito mais bonitas mais sérias. Agora mal começam a criar mamãs e têm logo um montão de namorados... mas os pais é que são os culpados!

Ti' Gertrudes afirmava tudo isto com impetuosidade, alterava a voz para gritar contra esta canhota, mas ao mesmo tempo com as lágrimas derramadas na face, acariciava-me o ombro:

Tu és um belo rapaz, os teus soberbos educar-te, vê lá se arranjas uma boa moça mesmo que não seja muito rica o que importa é que seja educada, compreensiva. E não queiram uma mulher que fume! Nem que beba! Pintar-se ainda é como o outro, elas já todas se pintam, agora que fume não, os beijos parece que saem raivosos!

Ti' Gertrudes, quando casou foi de sua livre vontade ou por imposição dos seus pais?

Nada disso. Eu sabia esconder. Gostei muito do meu Chico e fizemos um grande casamento. Coitado, já morreu Deus quis que ele fosse primeiro do que eu. De modo-nos sempre às mil maravilhas. Todos os dias, quando eu ainda podia e era uma mulher forte, acompanhava-o sempre até lá em baixo, ao Morgado de Quarteira, onde a gente tinha arrendada uma courela pequena... pois o dinheiro nunca foi muito na nossa casa.

Mas há quem diga, Ti' Gertrudes, que o Deus da terra é o dinheiro e que o diabo é não o ter! Vocês foram felizes mesmo sem ele?

Bem, uma pessoa nunca é totalmente feliz! Mas tínhamos as nossas coisitas, às vezes zangávamo-nos mas passava logo, tínhamos fé, rezávamos, éramos diferentes desses moços pequenos que casam hoje para se divorciarem amanhã.

Quer dizer que a Ti' Gertrudes não está de acordo com o divórcio?

Então se a gente se pensa em casar é para separar-mo-nos

logo? Então é melhor ficarmos solteiros e não nos enganarmos.

Mas a vida é feita de enganos...

Lá isso é verdade! É por isso, filha, que tu deves ter muito cuidado com a escolha, pensa primeiro porque isto de «cornos» não tem piada nenhuma.

Ti' Gertrudes sorriu, o queixo redondo, as faces enrugadas, os olhos muito atentos às minhas perguntas. Ela é uma mulher que gosta muito de tagarelas, de saber notícias, se esta ou aquela já casou. Sou eu que lhe trago o dinheiro da pensão e ela prometeu a Nossa Senhora que me daria sempre uma coroa enquanto eu lhe fizesse aquele grande favor. Mas a Ti' Gertrudes é muito supersticiosa, acredita nas bruxas e nos lobisomens, e diz que é o demónio que está governando o nosso País.

Oh, Ti' Gertrudes, vocemece não acha que esta coisa dos partidos e das religiões só divide as pessoas, elas têm inveja umas das outras, ninguém se entende e são capazes até de fazerem mal umas às outras, através da feitiaria, de drogas e outras falsas mezinhas?

Ai, ainda não sabias disso? Toda a vida as bruxas têm empestado o mundo, eu cheguei a vê-las nas encruzilhadas, no fadário, cheguei a ver uma luz muito

vermelha e a fumaça com que elas fazem a bruxa, o livro de S. Cipriano, ninguém consegue lê-lo até ao fim...

Então como é que elas vestem?

Elas tinham um lençol branco com que se tapavam, os lobisomens transportavam-nas às costas e para quebrar o fadão era necessário queimar-lhe as roupas.

E eu terminei a conversa com a Ti' Gertrudes. Prometi que ia ter novas longas conversas com ela, não ela não sabe ler nem escrever, mas é uma pessoa inteligente com quem eu gosto de trocar impressões. É humilde, sabe fazer bolos que é uma delícia, gosta muito de sopinhos de pão, sabe muitas orações, é fraquinha das pernas mas ainda corre a aldeia para conversar com as raparigas da sua idade.

Nas eleições anteriores perguntei-me, ao ouvido: «Em quem é que devo votar?»

Mas avisou-me, logo, que nos comunistas é que não.

Esses são contra a religião, não acreditam em Deus e eu não vou votar num cancro porque já sofri de mais do coração!

Eu não lhe disse nada mas fiquei sabendo que ela votara no mesmo partido do que eu. O Partido dos que falam com a alma e dos que votam com o coração.

NOVOS ASSINANTES

UM POUCO POR TODA A PARTE

Em ritmo superior à inflação corrente que nos ataca a economia, o número de novos assinantes não pára de crescer, num torrente quase diária que só demonstra a cada vez maior aceitação e reputação de que «A Voz de Loulé» goza, um pouco por toda a parte do Mundo.

Se hoje já somos muitos, amanhã seremos muitos mais, desde que cada um de nós arranje mais um amigo para entrar na nossa família informativa.

A seguir, publicamos mais uma lista de aderentes ao nosso jornal e que são os Exmos Senhores:

Feliciano José Pinguinha dos Santos, António Justino G. Gomes, Francisco R. Ramos, Olímpio Manuel Guerreiro, D. Maria Odilia S. Cavaco Chagas, José António C. Laginha e Isaurindo S. Mendes e José Tomás, de Loulé; Joaquim Manuel Dias e José Joaquim V. Nunes de S. B., de Alportel; Henrique Luís de B. Figueira, António M. Carvalho, de Faro; António Manuel Coelho Laginha, Dr. Neves Anacleto, de Lisboa; Manuel G. Gomes, Ameixial; D. Antónia das Dores Viegas, Almansil; Manuel Nascimento, Albufeira; Restaurante «A Canoa» e Manuel Marques Maia, Quarteira; João Maurício Rosado, Vilamoura; João José Canhita dos Santos, Aldeia da Tor; D. António do Carmo Provisório, Alto; De Brito Manuel, Mademe Dias, Manuel Leandro Farrajota e Gonçalves Ilídio, França; José Pereira Cavaco, Manuel G. M. Lourenço Austrália; Imprensa Portugal, Lda., Serpa; Vítor Guerreiro, U. S. c.; Modesto S. Pires, Manuel de Sousa Gualdino, D. Maria Margarida Gago Lopes, Alvaro Manuel P. Guerreiro, Cus-

tólio António, Daniel Cebola, Sunshine Clube, Loulé; Exaktor, Salco, Climalgarve, Faro; Manuel Coelho Guerreiro e Casa Rita, Quarteira; Rudolf Wehr, Albufeira; Mário José C. Dias, Boliqueime; Dr. Júlio Batista Vilamoura; D. Teresa Lopes Cavaço, Ameixial.

Para todos vai o penhor da nossa gratidão pela simpatia revelada para com o nosso jornal.

RELATÓRIO E CONTAS DO BANCO ESPÍRITO SANTO & COMERCIAL DE LISBOA

Do Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa, recebemos o Relatório e Contas relativos ao exercício de 1978. Com um capital de mais de dois milhões de contos, a Administração apresentou um resultado positivo de cerca de 240 mil contos, o que confrontado com o resultado do ano anterior, 1977, que foi de 110 mil contos, traduz na verdade uma maior racionalização da gestão, e também uma recuperação sensível da movimentação do dinheiro, como o explica o aumento dos quantitativos das Operações Activas, que de 1977 para 1978, passaram de cinco milhões e trezentos mil contos, para nove milhões e oitenta e sete mil contos. A título de curiosidade, diga-se que o Balanço do Banco Espírito Santo acusava em 31 de Dezembro de 1978, um crédito concedido de mais de 67 milhões de contos, contra 55 milhões, em igual data do ano anterior. Aos juros que aí estão, é caso para dizer: está passando muito bem, muito obrigado!

«O EMIGRANTE»

Temos recebido na nossa redacção o jornal português «O Emigrante» que se publica em Valência, na Venezuela, de que é ilustre director o sr. José dos Santos Carvalheira. Com uma óptima apresentação, e um bom volume de páginas, «O Emigrante» revela uma preocupação constante de actualização com o tombo natal, noticiando e reportando o que se passa em locais específicos, e zonas geográficamente

diversas. Fruto de portugueses emigrantes na Venezuela para portugueses de todos os continentes, é com muito prazer que recebemos aqui as notícias dos nossos emigrantes, das suas iniciativas, e das suas actividades. Da nossa parte, para os nossos irmãos de além mar, vai um abraço muito estreito, não só como colegas da informação, mas sobretudo, como portugueses que nos orgulhamos de ser.

A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

(IV)

(Continuação)

O privilégio de ser servido em primeiro lugar pertence às classes trabalhadoras, depois o povo que se amole.

Temos pois na alínea c) do artigo 9 o primeiro privilégio.

O artigo 52 preceitua que incumbe ao Estado garantir o direito ao trabalho, assegurando:

d) «A formação cultural, técnica e profissional dos trabalhadores, conjugando o trabalho manual e o trabalho intelectual».

Cá temos o 2.º privilégio para a classe trabalhadora, sem qualquer migalha para o povo.

O artigo 53 também é dedicado aos trabalhadores o qual lhes consagra o direito ao trabalho como um privilégio.

a) A retribuição do trabalho, segundo a **quantidade, natureza e qualidade**.

b) A organização do trabalho em condições socialmente dignificantes, de forma a facultar a **realização pessoal**;

c) A **prestação de trabalho em condições de higiene e segurança**;

d) Ao repouso e aos lazeres, a um limite máximo da jornada de trabalho, ao descanso semanal e a férias periódicas pagas.

Como se vê não se trata de privilégios odiosos e ofensivos, mas, de qualquer forma, de privilégios a favor de uma classe restrita de portugueses, o que é ofensivo do princípio de igualdade entre todos os cidadãos e violador do n.º 2 do art.º 13 da Constituição que estabelece o princípio de que «Ninguém pode ser privilegiado».

Desta maneira, pode dizer-se, com razão, que a Constituição estabelece princípios falsos e mentirosos para iludir a Nação Portuguesa.

Proclamar que «Ninguém pode ser privilegiado», mas encher de privilégios o proletariado contra a grande maioria dos portugueses, é uma hipócrita posição que obriga estes a desprezar e a repudiar a Constituição.

E o caso é mais visível na prática quando a mesma Constituição estabelece princípios genéricos que parecem justos mas que desarmam os cidadãos contra a actuação privilegiada do proletariado.

Assim, quando a Constituição estabelece o art.º 53, alínea a), que todos os trabalhadores têm direito.

«À retribuição do trabalho, segundo a **quantidade, natureza e qualidade...**».

Patenteia uma tão profunda hipocrisia que merece o repúdio profundo de todos os cidadãos rectos e honestos de Portugal.

Porquê? Porque estabelece um princípio que a sua estrutura não permite a mais leve aplicação.

Este princípio moral de salário igual para trabalho igual não passa de penas de pavão com que tal Constituição pretende enfeitar-se.

Na realidade, entre cem operários com trabalho da mesma natureza há uns tantos que produzem a quantidade x de trabalho; há outros, que produzem x-10 e outros ainda que produzem x-20.

Estes últimos são os que menos falam e os que mais reivindicam aumentos de salários; eles são verdadeiramente prejudiciais. Todavia o patrão não pode despedi-los nem pode pagar-lhes salários inferiores aos daqueles que produzem o suficiente para justificar o seu salário.

Mas mais realce merece o facto de, no caso de aumento de salários, o patrão não poder distinguir os que mais merecem com aumentos superiores aos daqueles que menos merecem.

A empresa que pretende pagar melhor aos que mais merecem seria vítima dos sindicatos que lhe impõem uma furiosa e destruidora greve, com ameaças de novas formas de luta, sem que o Poder Público lhes pudesse valer.

Mas não eram somente os sindicatos a lutar contra a forma moralizadora de salário igual, para trabalho igual: eram também as comissões de trabalhadores estabelecidas pelo artigo 55, criadas para defesa dos seus interesses e para mobilizarem estes a favor do processo revolucionário que os conduzirá ao poder democrático dos trabalhadores.

Parece haver aqui uma contradição entre trabalhadores que ganham mais e aqueles que ganham menos a qual destruiria a imagem da solidariedade entre eles; todavia essa solidariedade subsiste pelo maquinismo constitucional destruidor dos poderes constituidos, formado pelos sindicatos e as comissões de trabalhadores.

A estes não custa auxiliar os que produzem menos, porque o salário a mais que não merecem é à custa do odiado patrão e do património nacional, e não de cúmplices generosos à custa alheia.

Digo e digo bem, à custa do património nacional, porque um maquinismo que provoca a atitude assinalada é causa da fraca produtividade portuguesa, a mais fraca de toda a Europa.

Não é por produzir menos que o proletariado ganha menos; e porque ao proletariado português não interessa o destino de Portugal, ele produz o menos possível para arreliar e destruir o patrimônio.

Consequência disto? Não será a destruição do patrão o desaparecimento de postos de trabalho?

Qual? Então ele, o proletariado, está de olho fechado?...

Se a empresa fôr abaixo, ali está ele a exigir, e já, a intervenção do Estado, para que os postos de trabalho se mantenham. O trabalho é um direito dos trabalhadores, e incumbe ao Estado pleno emprego. (art.º 51 e 53 da Constituição).

Essa política de pleno emprego deveria resultar da aplicação de planos de política económica e social segundo a Constituição; mas porque o Estado é incapaz de elaborar e aplicar tais planos, o operariado encontrar-se-ia com um direito ao trabalho sem eficácia se a estrutura constitucional não proibisse o patronato de despedir aqueles que excedem as necessidades normais da empresa ou aqueles que pela sua incapacidade produtiva constituem fonte de perturbação ou um peso de ruína.

O empresário que tiver a infelicidade de lhe cair na empresa este peso de ruína jamais poderá lograr êxito em virtude do privilégio que ao proletariado confere a alínea b) do art.º 52 da Constituição. «A segurança no emprego, sendo proibidos os despedimentos sem justa causa».

Ora, esse artigo 52, como o artigo 53, são mananciais de privilégios do proletariado: formação cultural, técnica e profissional; trabalho em condições socialmente dignificantes, trabalho em condições de higiene e segurança; repouso e lazer, limite máximo de trabalho, descanso semanal e férias pagas, etc., etc.

Os privilégios do operariado, nesta Constituição contrária aos privilégios, não infundáveis; mas tais privilégios contrariam direitos daqueles que, nos 312 artigos dela, não encontram um só que os privilegiem.

Esta Constituição é tão anómala e incoerente, clacissista e parcial, que com excepção do proletariado, ninguém pode considerar-se seguro de um direito mesmo que na sua letra os intérpretes possam atribuir-lhe.

(Continua)

Consagração de Maria Campina

(continuação da pág. 1)
Presidente da República lhe pres-
tou, através da entrega da Co-
menda de Instrução Pública e de
cuja missão se incumbiu pessoal-
mente o Ministro da Educação
e Cultura, numa tocante cerimô-
nia que comoveu a homenageada
e testemunhou o apreço que as
entidades oficiais já hoje têm por
quem faz da arte a sua razão de
existir.

Mas Maria Campina não foi
galardoada apenas pelos seus
méritos de artista distinta, que
viu o seu prestígio aumentado
sempre que lhe deparavam oportu-
nidades de revelar sua invulgar
capacidade. E também não rece-
beu apenas o prémio devido às
sua preclaras virtudes artísticas,
de que os seus sucessos são tes-
temunho.

A sua dedicação à arte de Mo-
zambique e a robustez da sua prepa-
ração musical foram fortes con-
tributos para a prestigiar no
meio musical da culta Europa e
isso bastaria para justificar a de-
vida homenagem que lhe foi pres-
tada perante tão numerosa assis-
tência. É que Maria Campina não
se preocupou apenas consigo
mesma. Quis realizar um sonho
que acalentava há mais de 40
anos: dotar o Algarve de um Con-
servatório de Música, para esti-
mular na sua e nossa província
o gosto pela arte musical e formar
escola para as gerações futuras.

Esse um dos grandes méritos
de quem sempre viveu tão dedi-
cadaamente para a música pensan-
do constantemente nos continua-
dores de uma das mais belas artes
com que podemos deliciar o
espírito.

Do êxito do Conservatório Re-
gional do Algarve, de que Maria
Campina foi uma das principais
pioneiras, falam os números com
clareza indescritível e impres-
sionante: da escassa dezena de alu-
nos de 1.º ano atinge hoje a casa
do milhar, o que é perfeitamente
concludente de como os jovens
continuam a sentir atração pela
música.

Não cabe nesta ligeira crónica
descrever o perfil da nossa ilus-
tre conterrânea, porque já o fizemos
há apenas 2 semanas e ain-
da porque pretendemos, especial-
mente, relatar o que se passou e
se disse acerca de Maria Campina
na noite da sua consagração
exactamente no local onde viu
concretizado um dos mais belos
sonos da sua vida artística. A
obra estava ali patente perante os
olhos extasiados de quantos puderam
testemunhar a graciosidade,
o desembaraço, a arte e a natural
inclinação dos jovens alunos
do Conservatório e que atestam
os préstimos de uma escola que
ensina não apenas música mas
também a coreografia de belos e
moderados efeitos artísticos, que
nos revelam toda a graça e be-
leza de ritmos em que a ginástica
se alia à dança em surpreendentes
conjuntos.

Aquilo que nos foi dado ver
simboliza a dedicação e o mérito
artístico dos alunos que nos mos-
traram as suas aptidões mas reve-
lam também a capacidade dos
professores que proficientemente
ministraram as suas lições no Con-
servatório do Algarve.

Disso são testemunho os nú-
meros do programa executado e
que constou do seguinte:

Execução do trecho barroco
francês «Cuco», da autoria de
Dauquin.

Ginástica rítmica, com fitas, pe-
las alunas Denise Palmeira e Elsa
Vale Rocha.

Polaca militar de Chopin executa-
da ao piano pelo aluno João
Almeida.

LOULÉ



MANUEL LEAL
FARRAJOTA

AGRADECIMENTO

Dina Teresa Carapeto Guer-
reiro Farrajota e seus filhos
Paula Ruth e Miguel Pedro
Guerreiro Farrajota e restante
família, imensamente conser-
nados com o súbito desapare-
cimento do seu ente querido,
cumprem o grato dever de ex-
teriorizar a sua mais profunda
gratidão a todas as pessoas que,
de qualquer forma, se associa-
ram à sua dor ou concorreram
com a sua inestimável ajuda
em tão difícil transe.

Neste agradecimento se in-
cluem quantos tiveram a bon-
dade de acompanhar o saudo-
so extinto à sua derradeira mor-
ada e apresentaram os seus
sentimentos de pesar pelo in-
fausto acontecimento.

A todos, enfim, apresenta-
mos os mais sinceros e ines-
quecíveis agradecimentos.

PESQUISA DE ÁGUA

SE A SUA PROPRIEDADE TIVER ÁGUA
ESTA FICARÁ MAIS VALORIZADA
Certifique-se dessa possibilidade consultando

FRANCISCO MARTINS

Considerado presentemen-
te o melhor vedor de Portugal.
Através dum moderno aparelho magnético ou
simplesmente por raio visual, assinala a passagem da
água a qualquer profundida-
de, possibilitando a aber-
tura de poços com seguran-
ça e êxito.

Toma responsabilidade pela indicação dos furos artezianos

Se precisa de água na sua propriedade contacte com

FRANCISCO MARTINS

VICENTES - TÔR

Telef. 62096

LOULÉ

(2-1)



Inflacção de poetas...

Em ritmo verdadeiramente
alarmante, para quem, como nós,
não sobra muito tempo para pro-
ceder a pesquisas de novos va-
lores literários, têm aparecido na
nossa redacção dezenas de pá-
ginas, com centenas de frases, e
muitos milhares de palavras, com

a pretensão de se constituir sob
a forma de poemas, pelas penas
de algumas pessoas, que julgam
estar na linha de António Alei-
xos e do sítio.

Sinceramente, custa-nos ter
que recusar a publicação da
grande maioria destes escritos,
dada a sua flagrante falta de qua-
lidade e mais nos custa ainda
ter que dizê-lo aos seus bem in-
tencionados autores. Desde a fal-
ta absoluta do estilo literário, ao
desconhecimento absoluto pelas
regras da composição poética,
passando pela forma pessoalís-
sima e desinteressante para o

público leitor, como se apresen-
tam na sua temática, as obras
apresentadas, têm, na sua maioria,
que retornar à procedência,
ou seja, à gaveta dos «poetas»,
que deles poderão tirar o prazer
muito íntimo de recitar para si
próprios.

É por esta, e por outras opiniões,
que um dia destes nos
«sacaram» com esta: «Pois é! É
por isso que só reconhecem val-
or aos poetas, depois de mor-
tos, como fizeram com o António
Aléxio!...».

— Pois é! — respondemos nós.
O que a senhora esquece (era
uma lady), é que enquanto o
António Aleixo tinha valor para
o reconhecerem mesmo depois
de morto, há milhares de «poe-
tas» que não o são nem vivos,
nem mortos. Repousam para o
anonimato...

EUROCAMPINA - Congelação do Algarve, Lda

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado
Nuno António da Rosa
Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de pu-
blicação, que por escritura de
14 do corrente, lavrada de fls.
57 a 58, v. do livro n.º C-108,
de notas para escrituras diver-
sas, do Cartório acima referido,
o capital da sociedade com-
ercial por quotas de respon-
sabilidade limitada, com sede
na povoação e freguesia de
Quarteira, concelho de Loulé,
que gira sob a denominação de
«Eurocampina — Congelação
do Algarve, Lda.», foi aumen-
tado de 2 500 000\$00 para
5 000 000\$00, tendo, para o
efeito, cada um dos sócios An-
tónio da Silva Soares, Adelino
Antunes Conde e José Adelino
Pais Lopes, subscrito uma no-
va quota de 500 000\$00, e o

sócio Albino Gonçalves Mes-
quita, uma nova quota de
1 000 000\$00, os quais unifica-
ram estas novas quotas com as
primitivas, tendo em conse-
quência sido alterado o ponto
1 do art.º 3.º do pacto social,
que passou a ter a seguinte re-
dacción:

Art.º 3.º — 1. O capital so-
cial inteiramente realizado em
dinheiro e nos outros valores
constantes da respectiva escri-
tura é do montante de 5 000 000\$
e está dividido em quatro quo-
tas, sendo uma do montante de
2 000 000\$00, pertencente
ao sócio Albino Gonçalves
Mesquita, e as três restantes
de 1 000 000\$00, pertencendo
uma a cada um dos outros só-
cios, António da Silva Soares,
Adelino Antunes Conde e Jo-
sé Adelino Pais Lopes.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Lou-
lé, 16 de Julho de 1979.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Liga dos Amigos de Vilamoura — LAV

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado
Nuno António da Rosa
Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de pu-
blicação, que por escritura des-
ta data, lavrada de fls. 36, v.
a 39, v. do livro n.º A-108, de
notas para escrituras diver-
sas, do Cartório acima referido,
foi constituída uma associação de
fim ideal, denominada «Liga
dos Amigos de Vilamoura —
LAV», com sede em Vilamoura,
freguesia de Quarteira, con-
celho de Loulé, que durará
por tempo indeterminado e
tem por fim estimular o de-
senvolvimento de Vilamoura e

ali conjugar e apoiar os interes-
ses e bem estar das populações
ali residentes, sendo as condi-
ções essenciais para a admis-
são, exoneração e exclusão dos
sócios, da competência da As-
sembleia Geral, e sendo a jória
inicial e quota mensal, dos só-
cios efectivos, respectivamente,
de 500\$00 e de 50\$00, quota
esta que poderá ser alterada
por deliberação da Assembleia
Geral, à qual compete também
a aprovação do Regulamento
Geral Interno, que deverá re-
ger a vida da associação, no
que os estatutos, forem omis-
sos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Lou-
lé, 16 de Julho de 1979.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

VENDEM-SE

Dois armazéns geminados,
na Rua Sá de Miranda em
Loulé.

Excelente para construção
nova.

Informa: José Inácio Coelho

— Rua da Carreira — Loulé.

Apartamentos, em blocos de
construção moderna, em acaba-
mento, c/ 3 assoalhadas e a pre-
ços acessíveis, situados na Rua
da Central Eléctrica.

Informa-se no local, com Ma-
nuel José Portela Neves.

(10-2)

Um romance da vida

Por
AMANCIO LIVRAMENTO

Naquela noite do mês de Maio o céu encontrava-se nublado e um vento cortante como lâmina infiltrava-se através das janelas. De vários lados recolhiam aos seus lares gente de diversas profissões, alguns de aspecto humilde, notando-se nos seus semblantes um olhar de privações, de canseiras e de sonrimentos, e quiça... mal alimentados?!

Vivemos numa Sociedade cruelmente egoista e fustigada pela vil exploração entre os homens, num Mundo onde predomina a injustiça social.

Na solução glacial da noite, cheia de enigmas... surgem dois seres humanos e aproximam-se dum lar familiar, e inopinadamente tocam a campainha dum resolução dum respeitável ancião que vem abrir a porta com certo receio naquela hora já um pouco tardia.

Deparam-se na sua frente um ser feminino conhecido e outro do sexo masculino desconhecido, e nesse momento, a voz feminina acentuadamente anuncia:

— E o Romeu! — E o seu filho!

Houve um choque e uma surpresa inesperada na alma daquele progenitor; e na sua mente flutuava mil cogitações sombrias dum passado que não deixou saudades!...

São vovidos trinta anos que um filho ingênuo vem conhecer e contactar o pai numa altura já muito tardia da sua vida.

Durante a sua longa ausência nunca teve a lembrança de escrever uma carta amistosa e carinhosa, e só agora lhe acode à mente os sentimentos de amor filial e sanguíneo que deviam existir após a sua adolescência perante aquele que lhe deixa um nome sem mácula para seu orgulho.

Este pungente drama é narrado com dor e comoção por um pai ofendido que sente a sua alma crivada de espinhos e de cicatrizes que só desaparecerão no túmulo.

Nos seus olhos brilhava um sentimento de revolta e de angústias pela maneira sincera como descreveu esse drama, que representa uma história de todos os dias desde que o Mundo é Mundo.

As dores do espírito também ferem a dores da carne, deixando na sua passagem marcas invisíveis de sofrimento que san-

gram até ao último minuto da vida!...

Cada criatura humana transporta um romance, mais ou menos longo, sempre diferente..., que crucifica a alma durante a existência.

No desenrolar da vida de muitos seres humanos projectam-se situações críticas em que os filhos são as primeiras vítimas, originadas na generalidade por desinteligências e hostilidades que «DE DIE IN DIEN» se vão avolumando numa corrente tempestuosa, contribuindo para um verdadeiro naufrágio num mar de ódios.

Todos estes graves problemas é o peso de conflitos espirituais, de ingratidões e de carência do amor entre todos que conduzem paulatinamente à ruptura da convivência humana que desträgt o próprio sangue.

SEM PAZ, SEM AMOR E SEM TOLERANÇIA NUNCA PODERA EXISTIR A FELICIDADE HUMANA!...

A vida é um alfobre de tempestades destruidoras, de tragédias e de desditas que aniquilam lentamente o coração humano.

É um rosário feito de amarguras, de incompreensões e de incoerências que representam frêmitos dolorosos que dilaceram a vida familiar.

Esta história está ligada ao drama daquelas almas inquietas e traumatizadas que sofrem o seu atraso destino neste mar encapelado em que navegamos!...

VIVER E SOFRER NESTA TRÁGICA CONDIÇÃO HUMANA!...

ISENÇÃO DE PROPINAS ALARGADA

A atribuição de subsídios ou bolsa de estudo em qualquer nível do Ensino Secundário oficial implica automaticamente a isenção de propinas — estipula uma Portaria do MEIC publicada no «Diário da República».

A percentagem máxima de alunos isentos do pagamento de propinas será de cinqüenta por cento do número de alunos matriculados em cada ramo do ensino podendo elevar-se a 75 por cento nas Escolas do Magistério Primário e nas Escolas de Educadores de Infância.

A Portaria do MEIC determina ainda que a isenção de propinas

O Dr. Dias Costa responde-nos para... encerrar a polémica (II)

(Continuação do n.º anterior)

Como senhor que se julga altamente evoluído, culto, intelectual, sabedor de todos os problemas, considera V. Ex.º que nós, «nem social, nem económica, nem politicamente, fomos capazes de tratar do problema da «Agrária», que interpretamos como um aborto e uma chaga, que torturam psicologicamente a maioria dos portugueses, mas que V. Ex.º considera «tão certa e inevitável como a chuva que neste preciso momento está caindo, por certo, sobre Teherrapundiz».

Pois é, nós não seguimos a doutrina marxista e por isso mesmo não escrevemos aquilo que o sr. Dr. gostaria de ler. Daí a razão porque V. Ex.º entende que só «agitámos espantalhos, exibimos papões que não metem medo a ninguém».

Pelo contrário, V. Ex.º tratou o problema com aquela capacidade que a característica dos homens atilados, capazes, conhecedores, hábeis, instruídos, lúcidos, perspicazes, sábios, doutos, destros, judiciosos, perigosos, versadores e, naturalmente, esperitos.

E tudo isto graças principalmente ao facto de V. Ex.º ser um homem instruído... porque seus pais lhe puderam proporcionar um cursozinho superior que lhe permitiu saber tanto que hoje se pode dar ao luxo de chamar ignorantes àqueles que não puderam frequentar a Universidade.

em qualquer grau do Ensino Secundário oficial compreende as propinas de matrícula, inscrição, frequência ou exame e trabalhos práticos.

O novo diploma entra imediatamente em vigor e revoga as Portarias 434/74 e 600/76 que até agora regulamentavam este assunto.

NOTA DA REDAÇÃO — Esta isenção de propinas alargada, vem um pouco ao encontro do nosso pensamento, e dos esclarecimentos que algumas pessoas nos têm solicitado sobre esse assunto, tendo em vista a quebra cada vez maior do nível de vida das famílias, colocando dificuldades maiores àquelas que têm filhos a estudar. Incisivamente, note-se que, agregados familiares que ontêm podiam suportar sem grandes sacrifícios as despesas escolares dos filhos, hoje não o podem fazer, e têm que recorrer para os pedidos de isenção de propinas. De resto, é nossa convicção que o Ensino, público deveria ser totalmente custeado pelo Estado, pelo que, esperamos que esta percentagem máxima de cinqüenta por cento de alunos isentos, seja brevemente ultrapassada, e deixem de existir na Escola, pelo menos e para já a este nível, as barreiras da desigualdade social entre os que podem pagar, e os que não podem. Ao menos nestes aspectos primários, já que outros, bem mais profundos, são mais difíceis de superar.

VENDE-SE

Carrinha marca Saviem 3.500 quilos, caixa aberta.

Trata: Auto Mecânica do Areeiro, Estrada Gonçinha — Almansil.

(3-1)

ALUGA-SE

Armazém de construção recente com a área de 100 m² e casa de banho, a 50 metros da E.N.

Tratar no local com Apolónio Quintas — Sítio do Além — Almansil.

Por isso, todo impante do alto da sua incomensurável sabedoria académica, V. Ex.º escreveu: «Penso contudo que mais intenções há, no vosso caso, ignorância». Pudera: quem não alinha por certas teorias é marcado com o ferrete da ignorância. Mas não faz mal, mais vale ser ignorante e ter ideias próprias do que esperito e culto e seguir ideias alheias como os carneiros seguem o pastor que vai à frente a guiar-lhe o caminho.

Além disso parece-nos que não é crime ser-se ignorante. É apenas uma consequência da infelicidade de termos ficado sem mãe nem pai, aos 8 e 9 anos de idade, respectivamente, e a partir dai sujeitos a um trabalho duro em troca de alimentação para sobreviver.

Contudo, apesar da nossa comprovada ignorância, pois, infelizmente, nem sequer frequentamos o Liceu, não recebemos desafiar para uma polémica qualquer dos 17 já famosos juristas do Algarve que vieram a terreiro defender essa coisa incrivelmente absurda que os sociais-fascistas pomposamente chamam de Reforma Agrária para enganar o Zé Pagode e convencê-lo que, finalmente, através de «substanciais aumentos de produção, vamos ter abundância de alimentos e... acabar com a miséria».

... E ainda por cima têm o desارتamento de escrever que a «Agrária» tem o apoio da «maioria dos portugueses como se ainda estivessem com os olhos fechados, em consequência dos 50 anos de obscurantismo e esquecendo-se que o 25 de Abril ocorreu há 5 anos!

Com que então agitámos espantalhos e exibimos papões que não metem medo a ninguém?

A falta de argumentos válidos, diz o Dr. Dias Costa que os papões (serão aqueles que comem as criancinhas ao pequeno almoço?) e os papões já morreram de velhos, gastos — e considera, naturalmente, que os nossos argumentos são o espelho da nossa ignorância, e esquecendo-se que velhas e gastas são as teorias marxistas... porque desfazidas do Século XX.

Vê-se que há no pensamento do Dr. Dias Costa um sádico prazer de ameaçar os ignorantes. Aqueles que não subiram as escadas da Universidade e que são o povo de cujos interesses se diz arauto defensor... só para defesa da sua tendência política.

Por isso, ciente da sua incomensurável sabedoria, senhor absoluto de ideias retrógradas e anarquizantes, o Dr. Dias Costa considera que no nosso «cérebro tudo são fraquezas, confusões e impotência ante a grave problemática reforma agrária de cujas facetas mais sérias nem sequer suspeita».

Assim se vê, de que lado está a força da inteligência, a claridade de princípios, a sabedoria acerca dos variados e complexos problemas da agrária!

Para se saber de tudo (e bem) não há como ser-se advogado.

E tanto assim que atira contra nós «a divagação e a montanha de distorções» (esta palavra também se pode escrever com i mas neste lugar e sentido escrever-se «destorções») e provocações.

Com que então provocações e não revelamos provas de nada? Pelo que nos diz, vê-se que não gostou mesmo nada que lhe sugerissemos uma excursão pela África.

Pois é. Aquilo por lá está mau. É a fome, a miséria, a corrupção, os julgamentos, as prisões em massa, a cega obediência ao partido único...

Prometeram-lhes a Liberdade... deram-lhes a escravatura mais humilhante.

Não passou desapercebido ao

Dr. Dias Costa que «A Voz de Loulé» seja feita em Rio Maior e isso traz-nos à lembrança o que aconteceu ao «República», que era o jornal mais anti-fascista antes do 25 de Abril e que pouco depois não encontrou nenhuma tipografia em Portugal que aceitasse imprimi-lo... só porque recusou ficar ao serviço do P.C.P. Passou a ser impresso em Paris... até que fechou.

Com a maestria que é peculiar aos advogados, o Dr. Dias Costa vem-nos revelar que «ter a posse não é ser dono», e isso significa que um indivíduo que possui uma propriedade não é dono dela, assim como «os camponeses que avançaram para a posse da terra» foi única e simplesmente para servirem o Partido Comunista, que manda entregar ao Estado omnipotente e monopolista.

Assim sendo, os donos da terra não são donos embora possuindo-a e os rendeiros também não são donos... embora possuindo-a, tal como o caso de senhorio e inquilino. Chega-se assim à conclusão que ninguém é dono de nada. E viva o socialismo!

Não há dúvida: o Dr. Dias Costa é um advogado insuperável, astuto, sagaz, sábio, eloquente, persuasivo, famoso, prudente e que ficará célebre nos anais de fôro algarvio, pela sua extraordinária inteligência e capacidade criadora.

Não há dúvida que o Dr. Dias Costa, apesar da sua elevada cultura não sabe destrinçar as palavras «distorcer» de «destorcer», pois diz que tiveram a coragem (a coragem, imagine-se!) de «distorcer» o que escreveu.

Sr. Dr.: para combater a fragilidade dos seus argumentos de cassete não precisamos destorcer o que escreveu. Só queremos gralha tipográfica podia alterar aquilo escreveu. Nunca poderíamos provocar gralhas propositalmente assim como não podemos deixar sem resposta algumas afirmações que faz. Por isso não podemos encerrar hoje esta já extensa polémica. Deixamos ainda mais alguns comentários para o próximo número.

AUTO MECÂNICA DO AREEIRO

Estrada Gonçinha - Almansil, tem para venda, as seguintes viaturas usadas:

- Saviem, caixa aberta, 3.500 quilos
- Peugeot 404, caixa aberta, a gasóleo
- Morris Mini 1000
- Citroen Dyane Super
- Ford Escort Station
- Honda Coupé 800 S

(3-1)

VENDE-SE

Propriedade com 10 000 m², (só terra de semear) situada nos Corgos de Santa Luzia (a 100 m da estrada do Barranco do Vento).

Informa: Manuel Pires Marum

— Vale Formoso — LOULÉ.

ALUGA-SE

Armazém em fase de acabamento com a área de 150 m² na Rua da Marroquia.

Trata no local ou pelo Telef.

62891 de Loulé.

A ESTRADA DE SARNADAS

— uma necessidade imediata

(Continuação da pág. 1)

de 2000 habitantes, que têm necessidade permanente de o utilizar. Isto é, cerca de 35% da população de Alte não tem acesso fácil para se deslocar à sede da sua freguesia.

Dizer-se que a solução viária para os sarnadenses é um problema instantâneo, urgente, parece-nos um estafado lugar-comum desnecessário. Mão à obra é o que aquela gente precisa de ver, para que a via-sacra do seu calvário se extinga de vez.

A Câmara e a Assembleia devem fixar na agenda das realizações prioritárias a estrada Alte-Sarnadas-Azinhais, para que, logo que exista dotação de verba para o efeito, se dê execução à empreitada. A obra, dado o seu volume financeiro, tudo indica vir a ser faseada em 2 ou 3 lances.

2 — EMIGRAÇÃO: FADARIO E SALVATERIO

Sem meios de comunicação as populações tendem a estiolar-se, e então procuram fugir à estagnação, emigrando.

Quando as gentes humildes das nossas aldeias e sentem isoladas das benesses do progresso civilizacional e do bem-estar económico e social, nasce nelas, como é óbvio, a tentação de desertar para outras terras. Daqui o exodo para os nossos meios urbanos, não o fazendo para o estrangeiro por lhes ser difícil, actualmente, concretizar essa aspiração legítima, mas a mais das vezes dolorosa.

As aldeias ficam, então, mais pobres, apesar de abalada da melhor seiva humana. Com a partida dos mais jovens braços, a vida agrícola local retrocede, restando-lhe somente a triste realidade dum «agricultura de velhos», os quais, estoicamente, entre tanta mandífrica e parasitando (viciado e oportunista) das vilas e cidades, são os que ainda comem (às vezes pouco e mal) algo do que o seu suor produz. Abençoada — mas sacrificada gente — a quem tantos procuram enganar, despudoradamente, com vergonhosas promessas, quando os campanários eleitorais tocam os sinos ardilosos da captação dos seus votos.

Fazemos aqui uma pausa no percurso discursivo, para apresentar ao leitor, pela eloquência dos números, o quanto representa o desgaste demográfico provocado pelo surto emigratório: em 1958 Alte tinha uma população de 7 200 habitantes; presentemente não atinge os 6 000.

Prossigamos. Com o abandono das aldeias por gente realmente devotada ao trabalho surgem, à luz da realidade objectiva, outros males: as casas que sobram nas aldeias e as que faltam nos meios urbanos, a atrapalhar ainda mais as carências habitacionais citadinas. É desta arte que surge a epidemia das anti-higiênicas e inestéticas barracas ubicadas na periferia das vilas e cidades.

Depois, com o decréscimo populacional evidenciado pelos povoados semi-habitados, a vida social e económica das aldeias ressentem-se, especialmente no pequeno mundo de negócios locais, os quais, já meio combalidos comercialmente, entram em transe

1980

CARTAS AO DIRECTOR

Caro director de «A Voz de Loulé».

É minha intenção desmascarar as injustiças que hoje marcam a nossa sociedade e turvam as mentes daqueles que ainda pensam em defender a verdade.

Puro idealismo? Talvez.

O certo é que a sociedade justa que todos apregoam, ainda não foi construída. Poderá acontecer que nunca o seja. Mas isso é apenas uma função daquilo que cada um fizer em prol do progresso, entendido como o caminho para a felicidade.

Filosofia barata? Talvez.

Eu sou uma jovem, mas quero com todas as minhas forças lutar pela justiça. Tenho poucas armas, mas a palavra é uma delas. Depende agora de si completar o princípio desta minha obra. Tem-me feito. Basta dizer que todos os artigos que enviei para o seu jornal, que também é nosso, foram integralmente publicados. Estou-lhe grata. Mais tarde poderei ser eu a ocupar um lugar idêntico ao seu. Depende da sua atitude de agora, a minha atitude do futuro.

Muito poucos em Portugal apoiam as iniciativas dos novos valores. Não me considero novo valor, mas tenho iniciativas. E o senhor através do seu jornal tem-me apoiado.

Talvez seja um abuso da minha parte, pedir-lhe mais uma vez um lugar na Voz de Loulé para um artigo meu, sem querer qualificação. Peço desculpa, mas tenho um enorme desejo de escrever.

Grata pela atenção dispensada, sou atenciosamente,

Jacinta Cardoso

QUEM TIVER OLHOS QUE VEJA...

Ensino Livre, anti-materialista, apolítico. A tinta que diariamente corre nos meios de comunicação. Títulos marcantes. Artigos atulhados de impressionismo. A diária utopia desmascarante e mascarada. Pura poesia e irismo idealistas excluídos de problemas práticos. Justos certamente, mas de carácter secundário.

Quem, senão os que detêm interesses no ensino, poderá prender uma escola mais ou menos marxista?

Uns, mascarados sob uma capa socialista que mais não é senão hipócrita mentira, querem à força conquistar o poder e conseguir assim o que invejam dos grandes.

Outros, detentores do poder e defensores dum moral ao serviço dos seus interesses, não querem perder os privilégios, que contra o que alguns dizem, afinal até sabem bastante bem.

E assim o coitado do pobre estúpido de uma banda, estúpido de outra banda, aperta o cinto, encolhe a barriga e, como sempre, fica a olhar admirado, abrindo muito os olhos numa atitude de quem não entende absolutamente nada, ora piscando o olho à esquerda, ora à direita e, o que é pior, ficando para trás eternamente esquecido por não perceber da matéria e não passar dum irracional.

E entretanto, quando afinal desobre que para saber é preciso aprender, eis que as portas do ensino lhes são fechadas, numa atitude de mero desprezo, porque afinal o que interessa não é capacidade de cada um, mas sim o dinheiro ou as acções que este ou aquele possuem.

O triunfo da pessoa é uma função da posição social que ocupa. Pessimismo? Demagogia?

Chamem-lhe o que quizerem.

O certo é que basta olhar à nossa volta, para que a injustiça se nos apresente simulada por ideologias macabras disfarçadas de progressismo ilusório, que não atende às realidades nem capacidades de cada um. Que não vê ou não quer ver, jovens intelectuais, principalmente raparigas, condenados a uma existência de amarradas entre quatro paredes, servidão. Elas, destinadas a serem mais uma entre as muitas que de manhã à noite cosem rou-

pa, cuidam de filhos, e «apanham porrada» dum cretino que as transforma em escravas dos seus instintos, quando afinal poderiam ser óptimas profissionais, grandes nomes do progresso.

Enquanto isso as filhas dos pais, estudam se apetece, vão às aulas quando apetece, e contudo até têm boas médias e privilégios então nem se conta. Estas são as meninas bem como esta é a bela justiça da nossa sociedade.

Jacinta Cardoso

NOTA DA REDACÇÃO — Jacinta Cardoso, jovem, muito jovem ainda, é o que se poderá dizer, uma filha em embrião. Faltalhe-lhe o abrir das pétalas para descobrir o mundo, escasseie-lhe ainda o pôlen, para oferecer às abelhas. Existe ali, naquele embrião, traços vincados de uma missão a cumprir no mundo, não já como filha, mas como um fruto, a que carece o amadurecimento. É que, realmente, a luta da vida é tão tragicamente violenta, que quase não sobra recanto onde uma filha possa desfilar e amanhecer em doce melopeia de felicidade, que não venha uma rajada de vento mau, e a deite irremediavelmente por terra. É por isso, para conseguir sobreviver no vendaval da vida, que a grande maioria de nós viu morrer-lhe a filha das boas intenções, substituída pelo fruto do pensar realista. Há que sair das quatro paredes, sim, mas das quatro paredes do sonho e da ventura, do idealismo e da can-

dura, para observar o que se passa cá fora, e viver, se assim se quiser, de acordo com as regras do sistema.

O mundo é realmente mau. Mas que diabo! Quantos milhões de nós não quiseram já mudar o mundo, sem o conseguir? Continuam a existir graves injustiças, desigualdades, discriminações? É verdade! Mas, que diabo! Reconhecemos o quanto se vai avançando em matéria de direitos humanos, no geral, em matéria de direitos da mulher, no particular. Vejamos como já não vai havendo lugar para as «jovens inteligentes» aca- tarem voluntariamente «existências de servidão», «porradas de um cretino». Há realmente muita coisa para mudar neste mundo. Mas, é tão fácil e tão cômodo criticar o que está mal, que bem mais positivo será lutar e conseguir vencê-lo. E sobretudo, não generalizar para o conjunto, este ou aquele problema específico, que diz respeito a cada um de nós.

Mas continua Jacinta, continua. Gasta até à exaustão o inconformismo dos teus 14 anos, bem como as outras fases da tua vida, certamente com outros pontos de vista com maiores alcances, com diferentes horizontes. Já não como filha. Mas como fruto. Ama-durecido.

José Manuel Mendes

VÁRIAS MUSICAIS

Secção de JORGE PINTO

GO GRAAL BLUES BAND

Os Bues estão de volta. Depois dos casos isolados de Mayall e Gallagher, surge este grupo português com o seu primeiro trabalho em 33 rotações, que me agrada imenso, porque nos mostra

JOSÉ CHETA NOS E. U. A. E CANADÁ

José Cheta, o popular intérprete da canção portuguesa, filho adoptivo da terra louletana, acaba de concluir com grande sucesso mais uma digressão artística, por terras de yankees e Canadá.

Integrado nas comemorações do 10 de Junho, José Cheta foi o único artista português «destacado» este ano para aquelas paragens, tendo aproveitado a ocasião para fazer mais uns espetáculos por conta própria, e assim dar a viagem por bem empregada, recolhendo os tão almejados dólares. Assim, de 6 a 21 de Junho, José Cheta, actuou em Montreal, Vancouver e Nova Iorque, em diversos Clubes Portugueses.

Recolhemos algumas opiniões curiosas:

— A crise do petróleo nos USA é evidente e perturbante.

— Os emigrantes estão apreensivos quanto ao futuro de Portugal, mas continuam a pensar em voltar.

— Os emigrantes têm grandes tendências social-democratas.

— A juventude sabe que o ensino universitário em Portugal é mais fácil.

— O cónsul de Portugal em Vancouver, Dr. Valadas, fundou no âmbito dos emigrantes portugueses, uma associação de pessoas de idade para ocupação de tempos livres, desde o folclore, à dança e ao artesanato.

— Apesar de tudo, José Cheta pensa voltar já em fins de Outubro.

que a malta não está a dormir. Desde que ouvi na RDP alguns temas deste grupo, vi que ali estava um grande potencial em matéria de nova música portuguesa em que eu incluo grupos como Aqui D'El Rock, Tantra, Arte & Ofício, e o que resta do vasto manancial que a má vontade dos críticos vai destruir.

Numa altura em que o disco sound e as outras pragas da música comercial inundam o nosso país, a Go Graal Blues Band é uma lufada de ar fresco para os melómanos não-alienados. Depois de generalizada a opinião de que «é português, não presta», ouça-se «The fault is her Own», para nos convencermos do contrário. (Afinal não há só Manuela Bravo na nossa música!)

A Banda é formada por Raúl Anjos (Bateria); A. Ferro (Baixo); João Alain (Slide Guitar); Augusto Mayer (Harmonica); J. Esteves (Guitarra); Paulo Gonzo (Harmónica, Viola e Vocais) e J. Carlos Cordeiro (Vocais). Saído dos Estúdios Arnaldo Trindade, produzido por Jaime Fernandes, sob Etiqueta Imavox. 4 pontos (Escala 1 a 5).

NOTA DA REDACÇÃO — É com muito prazer que vemos surgir um jovem, interessado em coimatar uma lacuna do nosso jornal: a crítica e a informação musical. Sobretudo, quando notamos a preocupação de se distinguir o trigo do joio, de procurar a qualidade, de promover a (boa) música portuguesa. Estamos certos de que o Jorge Pinto irá aumentar um pouco mais as linhas dos seus comentários, bem como descobrir que a Manuela Bravo, além desta brincadeira do balão, por que é nacionalmente conhecida, é uma extraordinária intérprete de baladas com temas (de qualidade) tratados em inglês. No fundo, há que alertar as pessoas (não impôr) no que existe de mais profundo na música contemporânea, para além dos compassos do disco sound, feitos para abanar o rabo dos meninos e das meninas, e que, tal como o Jorge Pinto muito bem diz, é uma autêntica praga que se instalou na audição quotidiana.

VENDEM-SE

Propriedades próximo desta vila e periferia, de boa terra de semear e abundante arvoredo. Facilidades de água e luz.

Tratar na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 3 (Largo do Chafariz) — Loulé.

VENDE-SE

Um táxi e o respectivo aluguer no Ameixial.

Informa: José Guerreiro Fernandes - Ameixial - Loulé.

(6-1)

ERA UMA VEZ...

Era uma vez um bezerro que, depois de uma boa refeição de fresca relva e de umas quantas cabriolas e correrias, para gastar as energias que lhe estavam a exigir descarga, se foi deitar ao lado dum irmão um pouco mais velho, em maré de confidências.

Enquanto regorgitava do bando um pouco de erva engolida para a ruminar, começou a dizer:

— Não sei que têm os nossos pais e avós que, desde o mundo é mundo, sempre têm pa-chorrentamente feito a mesma coisa, parece que sem genica para melhorar a sua sorte. Deixaram-se dominar pelos homens, a quem servem submissos, puxando pelo arado, pela carreta, pelo engenho da nora, dando-lhes o leite e a carne, deixando-se comprar e vender, como se isso nada lhes importasse. Nem tanto olham para os nossos primos, os touros, que não estão dispostos a sujeitar-se a tais caprichos dos homens, não se sujeitam ao arado, à carreta, à nora. É verdade que os homens se querem divertir com eles nas touradas ou nos campos, mas é ver como eles lhes respondem com uma arma que, afinal, nós temos igual.

— Que queres, então, fazer? — Sair deste estado de aviltamento e alienação de nós mesmos. E olha que não me queixo apenas desta sujeição ao homem. Queixamo-nos também da sujeição aos nossos pais e maiores. A nossa mãe, sempre solícita, sempre maternal, sempre a aconselhar: «cautele, não fujas demais, não te cansas, não te exponhas ao vento e à chuva, não te constipes, deita-te a horas, respeita os irmãos, tem juizinho, não te afastes das nossas tradições, etc., etc., etc.! Não te parece que isto é insuportável?

E, afinal, cada vez me convenço mais de que os nossos pais já não são do nosso tempo; estão ultrapassados, velhos, aferados a mitos de outros tempos. Não vês o medo que ainda têm dos automóveis e camiões nas estradas, enquanto eu acho um prazer imenso em vê-los correr à doida, sobretudo se chocam e se despedaçam uns aos outros, e gosto tanto de correr ao desafio com eles!

O paternalismo dos nossos pais, não achas que é asfixiante para a nossa personalidade? Se nós somos adultos e mais do nosso tempo do que eles, porque não nos deixam eles realizar-nos à nossa vontade?

Ouviu o bezerro mais velho a longa tirada do mano, sem o interromper, já que sinal de verdadeira maturidade de adulto é

saber ouvir, compreender, depois pôr calmamente os pontos nos ii. Reflectiu um pouco, sob a impaciência do irmão, cujo olhar interrogante nem parecia de boi, e respondeu:

— Pensas que descobriste agora a pólvora, como dizem os homens, que viste um mundo novo, que os teus pais e antepassados nunca viram nem conhecem. Muito te enganas. Também eles, quando tinham a tua idade, também eu ainda há tanto pouco, sentimos como tu agora sentes. A vossa evolução corpórea e animica é, sensivelmente, a mesma.

Passada essa crise da adolescência, entramos todos no mesmo ritmo de vida, porque é a que nos impõe a nossa natureza e contra a natureza é inútil lutar.

E olha que os nossos pais, que são verdadeiramente adultos, não evocam essa qualidade, para se gabarem ou para protestarem, se não para se capacitarem das suas responsabilidades e obrigações. Também eles, sobretudo os mais velhos, gostariam de voltar a ter a tua, para poderem correr ligeiros e livres, despreocupados e mais alegres. A ânsia de querer ser considerado adulto, de ser tratado como adulto, é sinal de infância ou adolescência, porque o adulto é adulto mesmo sem o querer. Eu, que ainda o não sou mas estou mais perto de sê-lo do que tu, já vou perdendo essas veleidades.

— Mas tratarem-nos como crianças, não achas que é humilhante?

— Se somos crianças ou adolescentes, como queres que nos tratem, senão como tais? Será humilhante sermos o que somos? Nós é que poderemos humilhar-nos a nós mesmos, se não nos soubermos conduzir segundo o que a Natureza de nós exige. — Mas a nossa sujeição ao homem, a alienação da nossa raça, que te parece?

— E se eu te disser que o homem é que trabalha para nós? Temos as nossas moradas, com as nossas camas com taroucos de milho, com as nossas manjedouras sempre fornecidas. Foste tu, fui eu, foram os nossos pais que fizemos isto. Foi o homem, e fê-lo para nós, que para ele teve de fazer coisas diferentes.

Temos os prados de trevo, de alfafa ou de luzerna, temos os restolhos, em que passemos. Quem é que os preparou? E preparou-os para nós, porque o homem não come erva, não come trevo, nem luzerna, nem alfafa.

Temos os nossos prados e, se algumas vezes, é a própria Natureza que os fez, muitas mais são obra do homem para

nós. E o homem não se sente alienado, humilhado, por trabalhar para nós. Antes o fez com alegria. E ver os lindos nomes que nos põe «Galante», «Lindo».

— Mas, e o estarmos sempre presos à tradição, em sairmos da cepa torta...

— E que queres tu ser se não o que és? Olha que o homem, apesar de ser capaz de inventar instrumentos e modas novas, acaba também por ser sempre igual a si mesmo.

As modas novas, quando julga ter-se libertado de uma limitação da sua liberdade, acabam quase sempre por se lhe revelarem como a repetição dum moda velha, às vezes retrogando séculos, limita-lhe igualmente a liberdade. E fica sabendo que não há maior perda de liberdade, maior escravidão do que quando alguém se torna escravo dos seus apetites e caprichos...

A conversa continuou, mas nós é que não temos agora tempo de escutá-la. Pode ser que o façamos de outra vez.

★
Não vamos fazer comentários. Apenas uma nota, para que não se diga que contradizemos o Papa, quando Ele apela para a idade adulta dos cristãos do nosso tempo. Certamente o Sumo Pontífice não quer desaconselhar o «caminho da infância espiritual» que S. Paulo nos inculca. O que Ele quer é que, se somos adultos, tomemos as nossas responsabilidades de cristãos adultos e não que andemos a alardear que somos adultos para contestar e desobedecer. E recomenda também aos Pastores da Igreja que nos tratem com o respeito e consideração que se usam com os adultos, que nos olham e dialoguem connosco, ainda que não devem abandonar os cuidados de Pais das nossas almas.

J. C.

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

deverão ser pagos de uma só vez durante o mês de Agosto.

DA CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPO C:

Será paga em duas prestações com vencimento em AGOSTO e OUTUBRO se fôr de montante igual ou superior a 1 000\$00.

As colectas inferiores a 1 000\$ serão pagas por uma só vez no mês de AGOSTO.

DA CONTRIBUIÇÃO PREDIAL:

Será paga em duas prestações, com vencimento em AGOSTO e OUTUBRO, se fôr de montante igual ou superior a 500\$00.

As colectas inferiores a 500\$00 serão satisfeitas por uma só vez em AGOSTO.

Não sendo paga qualquer das prestações ou a totalidade da contribuição no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados 60 dias após o vencimento da contribuição ou sobre o da última prestaçao, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para arrecadação da totalidade da dívida.

MUITO IMPORTANTE — Deve apresentar-se o respectivo aviso ou recibo de anos anteriores, quando se pretende efectuar o pagamento.

QUARTEIRA



MARIA DA GLÓRIA GALANTE

AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada.

Poço Novo — Loulé



QUIRINO PIRES MADEIRA

MISSA DO 4.º MÊS

Sua família participa a todas as pessoas amigas e de suas relações que, sufragando a alma do saudoso extinto, será rezada missa na Igreja Matriz, em Loulé, no próximo dia 17 de Agosto, pelas 10 horas, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignem comparecer a este piedoso acto.

Propriedade

Vende-se uma propriedade, com arvoredo da região. Tem horta com árvores de fruta e abundância de água. No sítio de Vale das Rãs (Campina de Cima), Loulé.

Tratar com José Correia Botelho — Rua Eng.º Duarte Pacheco, 50 — LOULÉ.

(4-4)

APARTAMENTOS E LOJAS

VENDEM-SE, NO MELHOR LOCAL DA VILA,

EM ACABAMENTO E DE LUXO.

TRATAR COM SR. MANUEL RICARDO M. DA

SILVA & C. LDA. — TELEF. 62449 — LOULÉ.

Trespassa-se

POR CARÊNCIA DE TRANSPORTE PRÓPRIO,

TRESPASSA-SE DIREITO À EXPLORAÇÃO DE SERVIÇO DE MERCADORIAS PELO CAMINHO DE FERRO, ENTRE LOULÉ E LOULÉ-CENTRAL.

TRATAR COM HENRIQUE VIEIRA CORREIA,

NA CENTRAL DE MERCADORIAS — RUA DR. CÂNDIDO GUERREIRO (JUNTO À CASA JUSTO).

(2-1)

«O FIEL AMIGO»

(continuação da pág. 1)
gogo não devem, contudo, confundir-se com o excesso de proliferar e abandono em que, nos tempos que correm, tal bichinho está votado.

Ser isto um mal mundial? — Não creio. Nacional é certamente, e, muito concretamente cá no nosso Burgo é um mal que urge pôr termo. Habitado desde muito novo a preocupar-me com males que porventura possam afigir e incomodar as populações, não poderei deixar de trazer a conhecimento público a preocupação de milhares de pessoas que militam numa campanha anti-poluição.

Dirão alguns! — Que mal poderá advir de um cão? — Muitos bens poderão ser colhidos e prestados pelo Fiel amigo. Mas, por desleixo ou incúria também muitos males, inconscientemente, o Fiel amigo, pode causar. O problema é muito grave e como tal deverá ser encarado com seriedade em ordem a serem conseguidas medidas preventivas em paralelo com outra ação saneadora da questão.

E tudo isto a propósito do «Cão Vádio». É que faz pena e repugna ao mesmo tempo vêr como o Fiel Amigo «vive» em Loulé e Quarteira. Este problema, dos cães vadios, tem sido objecto de alguns reparos e críticas neste semanário, sem que, até à presente data, nada de concreto e visível se tenha conseguido. O problema continua por resolver dividindo mesmo se a Edilidade louletana teria encontrado solução para o combater com eficácia.

É assim que ano após ano o problema vai aguardando solução e de cada época balnear que chega mais cães vadios se vão acumulando e passeando nas ruas da nossa Vila e de igual modo em Quarteira, para admiração e incomodo dos turistas e veraneantes que procuram a nossa Vila e suas avenidas e as nossas praias para passarem férias tranquilas.

«Mas tu Fiel Amigo incensível às preocupações da Sociedade, chafurdas, noite após noite, nos caixotes e contentores das nossas ruas, entornando e espalhando os restos de uma alimentação que em caso de teu «dono» também não foi farta. O teu «dono» não te pode ou não te quer alimentar. Para resolver o problema põe-te na rua a fim de procurares o alimento necessário à tua sobrevivência.

Famelicamente, contraindo e contagiendo doenças, não há caiote que não rebentes e voltes. Quando encontrais competidor, há disputas e no outro dia chegas a casa de «teu dono» um pouco mais confortado de estômago mas a maior parte das vezes ferido no teu corpo.

Passas as noites (porque dormes de dia) percorrendo as ruas da nossa Vila, em matilha, ladran-

do e uivando (porque é a tua fala), porque não tens quem te «ensine e te acarinar (um verdadeiro dono ou instituição). Não tens quem verdadeiramente se interesse por ti e pelos graves inconvenientes que, de noite, provocas a quem precisa de retomar forças para mais um dia de trabalho. A juntar a este tipo de poluição sonora que tu provocas com latidos e uivos, junta-se outro ainda mais grave, não só por ser mais intenso e constante como também por ser praticado por Humanos, seres conscientes; os já tão useiros e vezeiros condutores de motorizadas que utilizam escapes anti-regulamentares e se permitem «passear» em ralis nas ruas da nossa vila, seja às 3 ou 4 horas da manhã. Mas fiel amigo é de ti que me propõe falar neste escrito. Um outro aspecto que te faz vadiar, e, desta vez em grande matilha, pelas ruas de Loulé e Quarteira, uivando e ladando que é um «regalo» vêr, é a perseguição à companheira no seu período do cio. Nas esplanadas da nossa Avenida e nas esplanadas dos cafés de Quarteira é um espectáculo ver como tu e dezenas de outros como tu, companheiros de raça, se mostram ciosos da função que pretendem executar a todo o custo. É um espectáculo «digno» de se apresentar a quem nos visita, e são de vários pontos do mundo os nossos visitantes. E como este espectáculo já faz parte do programa de Verão, de ano para ano o número de praticantes aumenta,

apesar do que na imprensa regional se ter apelado para a resolução deste gravíssimo problema.

Se a poluição sonora e o mau aspecto que provocam os cães vadios, em matilha, na via pública não fosse suficiente para que se tomassem medidas rápidas e eficazes, poder-se-á acrescentar o perigo de contágio de doenças de que o cão vadio, abandonado, pode provocar quando em contacto com crianças; do perigo para a integridade física e para os prejuízos materiais que podem provocar numa estrada ou rua em acidentes de veículos motorizados.

É preciso iniciar-se uma campanha junto da população, advertindo dos perigos e do mal estar que provocam os cães vadios e abandonados. É preciso iniciar-se uma recolha de cães doentes. É preciso sensibilizar as populações para o perigo de manterem em casa cães doentes. Penso que se poderia iniciar uma medida preventiva contra a proliferação exagerada, exactamente com a retenção dos animais em casa. A medida exacta será uma ação intensificada de fiscalização e recuperação de cães encontrados em via pública por um piquete permanente pelo menos em Loulé e Quarteira.

Há muito tempo que se fala deste problema. Será tão difícil resolver um problema desta natureza? Que a continuar sem solução só nos envergonha e desprestigia?

Gregório de Sousa

AO SERVIÇO DOS CIDADÃOS

(continuação da pág. 1)

terminem longas conversas telefónicas com interlocutores distantes ou diríam, entre si, acesos pleitos de cunho futebolístico ou doméstico, antes que descendam em atender os círcumstâncias.

Ora isto não está certo.

Para além da mais primária deontologia profissional e da dignificação dos serviços que lhes cumpre promover — os funcionários públicos têm responsabilidades a que não podem eximir-se sem atropelo dos seus deveres e sem ofensa aos direitos dos cidadãos que legitimamente se socorem do seu préstimo. Até porque os cidadãos são a razão primeira, quicá a única, da existência dos funcionários. Destes se exige, concomitantemente, um mínimo de zelo, de eficiência e de aptidões para o normal exercício do seu munus; mas exigir-se, sobretudo, uma boa educação cívica, um alto sentimento de tolerância, uma correção exemplar e um espírito de pronta ajuda, que não se compade-

cem de longas que irritam e ferem, quando não estão na base de danos irreparáveis.

O funcionário deve usar da maior urbanidade e solicitude para com os que carecem dos seus serviços. E se é certo que não deverá pedir-se-lhe que ultrapasse, em esforço, um razoável limite de possibilidades físicas e intelectuais, por outro lado é intolerável que se julgue colocado no vértice inatingível de uma pirâmide social; que se arrogue qualidades de mando ou de senhor a quem todos devem subordinar-se; que jogue impunemente com os interesses do público que lhe cumpre servir.

Momento junto dos humildes e dos ignorantes, o funcionário deve ser compreensivo, paciente e auxiliador, lembrando-se que está em presença de um irmão que precisa — quantas vezes desesperadamente! — que se lhe aponte ou explique a letra da lei ou dos regulamentos e a melhor forma de poder cumprilos. Não raro se ignoram os deveres de justiça e de solidariedade. Chega-se ao ponto de escolher, nos infelizes, as vítimas para vazamento do mau humor ou, num plano oposto, para joguete de facécias exploratórias da sua ignorância, ingenuidade ou boa fé...

A solidariedade é um dever de modéstia para connosco e de indulgência para com os outros. E afinal, seria tão fácil exercer, por meio da palavra, do exemplo e da ação directa, uma salutar influência junto do nosso próximo...

Que o funcionário público não seja subserviente nem despota. Dignificar-se-á se conseguir, apenas, ser igual a si próprio: — na fruição dos seus direitos e no cumprimento dos seus deveres.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Pastelaria AMAZONA

FÁBRICO PRÓPRIO

FORNECEMOS BOLOS PARA:
CASAMENTOS, BAPTIZADOS,
ANIVERSÁRIOS, ETC.

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE

Telef. 62503

LOULÉ



A POTENCIALIDADE ECONÓMICA DO DESPREZADO ALGARVE

(continuação da pág. 1)

Manta de retalhos ao sabor de improvisos, continuam os ritmos da destruição, caindo como frutos apodrecidos! E, como o momento é de profunda crise internacional, os próprios estadistas calejados, vêm-se e desejam-se para encontrar plataforma de entendimento e soluções comuns. E o nosso País, sem recursos, e, tecnicamente a vegetar na mediocridade industrial, nela ipso facto para o abismo.

Pessoalmente, creio, se quiséssemos aproveitar com deodo e audácia os recursos que possuímos, talvez nos sorrisse a oportunidade de nos juntarmos a valer ao inevitável carroço europeu como parceiros válidos, colocando em cima da mesa da verdade, os nossos trunfos — a capacidade de trabalho.

A costa portuguesa e as 200 milhas subjacentes na direcção ocidental (pois do norte e ao sul temos respectivamente espanhóis e marroquinos) com direitos iguais aos nossos) é um viveiro prodigioso de recursos da fauna marítima, pelo notável poder de reprodução! Há, neste sector vital da economia, algo que continua a funcionar muito mal, não se sabendo ao certo se é incompetência dos Ministérios, se as costeiras forças, que à laia de ruas na armação, unicamente desmantelam as tentativas de recuperação industrial. Não se comprehende, que a nossa frota pesqueira (embora sem grandes recursos técnicos, é operacional) pela relativa abundância de pescado, paralise meses e meses sem fim! Greves e outros problemas mergulham-na em lodaçais, numa estagnação precária.

As greves, são uma espécie de incêndio mal extinto que ao menor sopro da brisa social, reacendem, com chamas aparatosas chamuscando paciências mal condutas, e, desprestigiando compromissos quanto ao sector de exportação que arrastam créditos pacientemente firmados. Tudo verga à implacável onda de greve que afunda a nau Catrineta da liberdade democrática. Será que não é conspirar contra a liberdade as greves selvagens que paralisam o País, só porque um Sindicato se arroga dono e senhor dos trabalhadores, não transigindo em negociações que salvaguardem o próprio equilíbrio industrial?

Não se chega a lado nenhum raihando como comadres desabridas, e se cada um de nós armar em árbitro de assuntos que nem

sempre se compreendem! Deixem evoluir as últimas tentativas de salvação nos diversos sectores industriais onde é possível consolidar a recuperação.

A costa algarvia é explorada a meias com os espanhóis! Quando pisam o risco, pagam tuta e meia e vão em paz com os seus barcos! Quando nós caímos na armadilha, marroquinos e maunitas exigem milhares de contos pelas infracções! No mar nostrum, proliferam espécies magníficas de lenguado, pescada — a mais saborosa do mundo — chocos e robalos que abastecem exigentes mercados estrangeiros, via avião, facturados segundo se diz a mais de 400\$00 por kilo! Esta fauna explorada em cheio, como seria? Quem empenha a prosperidade das indústrias?

No âmbito das nossas possibilidades desbaratadas impunemente, há ainda muita riqueza, inexploreada. Neste país de super-deempregados, não há braços para explorar as entranhas do mar e da terra, visando a estabilidade económica e social! Prefere-se marchas com dísticos que rimem e slogans sonantes! Tudo menos trabalhar!

Oiçam, senhores! Se da barragem do Alqueva derivasse canais de irrigação que atravessassem a serra algarvia dirigindo-se ao centro e ao barlavento algarvio, aproveitando-se iam extensas zonas virgens de terrenos para hortas e pomares, até à campina Úbere, que alimentaria o País! O sol rutilante algarvio fecundaria tomate, fruta divina, feijão e milho, numa abundância sem paralelo.

Dêm água aos algarvios, que as potencialidades da Província demonstrarão à pureza, quanto vale o preço do dedicado trabalhador algarvio, se as bruxas entretanto não estragarem o seu apego pela terra e o gosto de produzir!

F. Clara Neves

VENDEM-SE

Propriedades, próximo da vila e periferia. De boa terra de semear e abundante arvoredo.

Facilidades de água e luz. Tratar na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 3 (Largo do Chafariz) — Loulé.

(8-4)

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(25-2)

A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS BILHETES DAS EMPRESAS: MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo) QUARTEIRA — ALGARVE

CANTINHO DA CRIANÇA

Secção de e para a Criança

Período de exames

— Versus férias à vista

Estamos precisamente no período dos exames, aquela quadra em que transcorre o balanço final do aproveitamento escolar discente.

É compreensível e admissível que nesta quadra decisiva, em que se agudizam as preocupações estudantis, que a tua colaboração rareie. Outras mais prementes avultam e predominam.

Assim, para suprir a carência das colaborações juvenis precisamente motivada pelas razões aludidas, que muito têm significado este «Cantinho», insere-se aqui neste espaço dedicado a ti, Criança, duas produções poéticas.

Uma da autoria da compiladora e coordenadora desta tua secção, Dr.ª Idália Ferinho Custódio e outra da Iavra de Dominácio (pseudónimo de Domingos Inácio Costa), que escusado será dizê-lo — te são inteiramente dedicadas.

J. C. Viegas

Canto vivo

papoila
de escarlate vestida
de olhos negros,
negros, negros,
é sangue, é vida.

papoila
de saia em flôr,
bailando no vento
bailando, bailando,
é leve, é pensamento.

papoila
sorrindo no tempo,
amando o amor,
amando, amando,
é moça, é flôr.

papoila
de corpo de sangue:
o teu sangue é alegria,
o teu sangue é canto,
o teu sangue é dia.

1970

Idália

LOULÉ



TRESPASSA - SE

Dois estabelecimentos de tecidos e confecções, com ou sem existência, servindo para qualquer ramo de comércio, no melhor local da rua do Comércio em OLHÃO.

Tratar pelos telefones 72635 ou 72529 — OLHÃO.

Vende-se prédio

Na Avenida Marçal Pacheco, n.º 56-58, 1.º andar e r/c/hão.

Informa: Avenida José da Costa Mealha, 3-5 ou telefone 63101 — LOULÉ.

(4-4)

Armazém ou loja

PRECISA-SE

Em Loulé, Faro ou Quarteira.

Nesta redacção se informa.

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/

CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

1979 ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA E DIA 1 DE JUNHO DE 1979 20.º ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Um poema que dedico a todas as Crianças, com muito amor e carinho

(Este poema foi dedicado ao menino Luís Miguel Costa Creta da Silva, quando fez 2 anos de idade a 28 de Maio de 1975, e a todas as crianças).

É Belo Viver

É belo viver
Sendo criança a correr,
Ser como ela inocente
Poder brincar,
Sorrir,
...Chorar por chorar
E nunca por sentir
O que o adulto sente.
Não ter tristeza,
Não ter penas,
E ser da Natureza
Um botão a abrir
Em tardes amenas
Como tu Luís
Lindo petiz
Com dois anos apenas.

Que sejas sempre libertado
De preconceitos servis.
Que os teus vendavais
— Jamais —
Sejam aíis
Por algo de magoado,
Mas sim só de alegria
Com belos sonhos de fantasia
Voando em corcel alado
Em paz e sossegado.

Que sejas livre como a ave voando
Que tenhas marés de plena bonança
Que sejas sempre uma feliz criança,
Que possas o bem praticar,
Mas sempre, sem nunca recuar,
Que possas, sem penas, ter asas
p'ra voar,
Para que sempre lutando...
Possas do mal te ir libertando.

«Dominácio»

ARMAZÉM — ALUGA-SE

Com área de 100 m² e casa de banho. De construção recente. A 50 metros da E.N.

Tratar no local com Apolinário Quintas — Sítio do Além — ALMANSIL.

(2-1)

Betoneiras - Alugam-se

Com ou sem guincho.
Tratar com Anibal Valério Domingos, Rua David Teixeira, 215 r/c Esq. — Loulé, Tel. 63092 (das 9 às 19) e 62860 (residência).

VENDE-SE

Um prédio na Av. José da Costa Mealha, c/ cave, r/c e 1.º andar, estando o r/c vago.
Informa-se nesta redacção.

(4-2)

VENDE-SE

Uma propriedade no sítio da Costa — Loulé (próximo do cemitério) com terra de semear, figueiras, ameixoeiras, oliveiras, com um armazém, água canalizada e electricidade próximo.
Nesta Redacção se informa.

(4-3)

ESTEMEL (Algarve) — Estudos Técnicos Metalúrgicos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE CASCAIS

PRIMEIRO CARTÓRIO

CERTIFICO: Para fins de publicação, que, por escritura de 16 de Julho, corrente, exarada de fls. 42 v. a 45, do livro n.º 24-C de escrituras diversas do Primeiro Cartório, desta Secretaria, a cargo do Notário Dr.ª Maria das Dores Canudo Cabaça, foi constituída entre LEONEL FERREIRA DIAS GARCIA, ESTEMEL — ESTUDOS TÉCNICOS METALÚRGICOS, LIMITADA, ANSELMO DIAS FERREIRA GARCIA, JOSÉ ANSELMO DIAS RODRIGUES, JÚLIO ARMANDO ANDIAS, JOÃO LEITÃO FONTES, CARLOS TOMÁS NIBLETT DO PASSO e MANUEL ALBERTO COELHO PALHARES, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação «ESTEMEL (ALGARVE) — ESTUDOS TÉCNICOS METALÚRGICOS, LIMITADA», que se regula pelas condições dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A Sociedade adopta a denominação «ESTEMEL (ALGARVE) — ESTUDOS TÉCNICOS METALÚRGICOS, LIMITADA», tem a sua sede no sítio da Torre, freguesia de Almansil, do concelho de Loulé, tem o seu início nesta data e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO — O seu objecto é o exercício da indústria de fabrico e transformação de caixilharia, serralharia civil, estruturas metálicas, vidaria, espelhagem e molduras, e seu comércio, ou de qualquer outra actividade em que os sócios acordem e seja permitida por Lei, podendo abrir filiais ou sucursais.

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de dois milhões de escudos, e está representado e dividido em sete quotas, dos seguintes valores: uma de novecentos e sessenta mil escudos, pertencente ao sócio Leonel Ferreira Dias Garcia; uma de quatrocentos mil escudos pertencente à sócia «Estemel — Estudos Técnicos Metalúrgicos, Limitada»; duas de cento e sessenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios Anselmo Dias Ferreira Garcia, e José Anselmo Dias Rodrigues; e quatro de oitenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios Júlio Armando Andias, João Leitão Fontes, Carlos Tomás Niblett do Passo, e Manuel Alberto Coelho Palhares.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os sócios poderão fazer suprimentos e prestações suplementares de capital, quando a Sociedade deles necessitar, nos termos e condições a estabelecer em Assembleia Geral.

QUARTO — Só poderão efectuar-se cessões de quotas a estranhos, se a Sociedade, em primeiro lugar, e os sócios, em segundo, não quiserem pre-

ferir pelo valor apurado no Balanço especial a que então se procederá.

PARÁGRAFO ÚNICO — A cessão, total ou parcial, de quotas entre sócios é livremente permitida.

QUINTO — A gerência, dispensada de caução, e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral, compete aos sócios Leonel Ferreira Dias Garcia, Anselmo Dias Ferreira Garcia e Manuel Alberto Coelho Palhares, que desde já ficam nomeados gerentes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — A Sociedade fica validamente obrigada apenas com a assinatura de um dos gerentes Leonel Ferreira Dias Garcia ou Anselmo Dias Ferreira Garcia.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Os gerentes poderão delegar, por meio de procuração, os seus poderes de gerência e de representação social; e a própria Sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os fins do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Nunca a designação social poderá ser empregada em actos estranhos ao objecto da sociedade.

SEXTO — Quando a Lei não exigir outras formalidades a convocação das Assembleias Gerais far-se-á por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias, pelo menos, de antecedência.

SÉTIMO — Em caso de falecimento, interdição ou inabilitação de qualquer sócio, a Sociedade continuará com todos os interessados na quota do falecido, interditado ou inabilitado, que nomearão um de entre eles que a todos represente.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Esta representação, no caso de falecimento, compete àquele dos interessados que por escolha dos demais for indicado à Sociedade, nos outros casos, ao tutor ou curador designado pelo Juiz.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A indicação do representante a que se refere o parágrafo anterior, deverá ser comunicada à Sociedade no prazo de trinta dias a contar da data da morte ou do transito em julgado da sentença que decretar a incapacidade ou inabilidade do sócio.

Está conforme o original, e, na parte omitida nada há em contrário, que amplie, restrinja, modifique, altere ou condione a parte transcrita.

Cascais, aos dezoito de Julho de mil novecentos setenta e nove.

A. Ajudante,
Maria Madalena dos Santos
Silva

VENDE-SE

Apartamento, situado na Urbanização Expansão Sul, com 4 assoalhadas.

Com chave na mão.
Nesta redacção se informa.

A FELICIDADE DE SER LOULETANO

Cumpriu uma tradição que em mim, como em muitos milhares de conterrâneos (e não só), se renova anualmente, por ter assistido aos festeiros em honra da nossa padroeira, a veneranda Nossa Senhora da Piedade, venho nestas singelas linhas exteriorizar a minha satisfação.

Com efeito, uma vez mais, incorporado numa multidão enorme, tive a alegria de contemplar esse maravilhoso espetáculo, sublime e impressionante, que é a imponente Procissão do regresso da Imagem de Nossa Senhora e Filho à sua vetusta Capela, no seu lindo e pesado andor tão belamente ornamentado, em marcha incrivelmente veloz, empolgante que, num entusiasmo delirante e agitação frenética de lenços brancos em saudoso adeus à Virgem Santíssima, emociona e comove o povo até às lágrimas! Sem dúvida, uma consagração de características únicas e algo de misticismo próprio, bem patentes nas tradicionais aclamações: Viva à Mãe Soberana! Viva aos Homens do Andor!

Loulé e seus naturais orgulham-se, com justificado regozijo, desta famosa manifestação religiosa, a maior que se realiza a sul do Tejo, plena de devoção, fé e amor tributados à sua adorada Mãe Soberana, respeitada por gente de todas as crenças e mesmo não crentes ou ateus!

Para tal esplendor e fama contribuem essencialmente os prestigiosos e populares homens do andor, garbosos, inexcedíveis de brio e vigor, que mercê de esforço nobre, dir-se-ia heróico, naquela arrancada final, célebre, triunfante, vencem em escassos minutos o difícil percurso do Largo de São Francisco à capelinha no cimo do Monte da Piedade! A eles rendo homenagem como preito de elevada admiração, extensiva aos músicos e corajosos acompanhantes, alguns já avós, que graças à energia e vontade insuperáveis, à frente e atrás do andor, com aclamações vibrantes de incitamento, incutem àqueles ânimo forte até ao fim da ingreme ladeira, muito valorizando o espetacular cortejo e à comissão organizadora e a quem ornamenta o andor.

AS GRUTAS DE SANTO ANTÓNIO

As Grutas de Santo António, a 30 quilómetros da capital do distrito, são consideradas das mais interessantes da Europa, não só pelas suas famosas estalactites mas, também, pela água cristalina dos seus lagos e pela iluminação, considerada do melhor efeito das várias grutas deste tipo existentes na Europa.

As Grutas de Santo António foram descobertas por feliz acaso em 2 de Junho de 1955 por dois homens que trabalhavam perto da Pedra do Altar, um deles, acompanhado por seu filho de cinco anos.

Visitadas, mais tarde, por especialistas em espeleologia, logo estes recomendaram a sua imediata proteção. Com uma área aproximada de 6000 m², a sala maior mede 80x50 metros e a altura máxima é de 43 metros.

A temperatura, quase constante, oscila entre os 16 e os 18 graus centígrados e a ventilação foi feita através de uma chaminé natural.

Incluindo hoje as grutas dos Alvados, o local está equipado para receber os turistas que dispõem de restaurantes com cozinha portuguesa, funcionando diariamente das 9 às 21 horas. A partir de Outubro o encerramento das Grutas é às 19 horas.

Muito do que são hoje as Gru-

Não quero deixar de salientar também a presença certa, sempre grata aos louletanos, de alguns milhares de forasteiros, em especial da vila amiga de Olhão, comunitando bastante para a magnificência da Festa, portanto dignos de simpatia e louvor.

Outra nota curiosa que me apraz registrar é a de muitos filhos de Loulé, vivendo nos mais diversos pontos do País, parte deles até no estrangeiro, se deslocarem propositadamente ao torrão natal a fim de assistirem a esta solenidade e cá chegados eis que, às vezes, em encontros fortuitos, têm a inesperada alegria de contactarem fraternalmente com conterrâneos, velhos amigos de infância, e parentes, também aqui presentes, irmãos na mesma finalidade e sentimento, que há longos anos não viam e cujo rumo e vida, por força do destino, alguns ignoravam mas jamares esqueceram, matando assim, imprevistamente, saudades de longa data!

Esta festividade e outros eventos periódicos de enraizada tradição e bairrismo honram e notabilizam a nossa bonita Vila de Loulé.

Querida e abençoada terra onde nasci!

Manuel Guerreiro Farrajota

O ALGARVE PRESENTE NOS «JOGOS SEM FRONTEIRAS» EM ST. ALBANS (GRÃ-BRETANHA)

Está sendo aguardada com evidente e compreensível expectativa a participação da equipa de Albufeira, que representará o Algarve na edição dos «Jogos sem Fronteiras» a disputar em St. Albans no dia 21 de Agosto, nos arredores de Londres. Especial interesse em torno desta participação na medida em que constitui uma promoção turística de vulto não só pela projecção pela Eurovisão como na própria Grã-Bretanha, que continua

A MOBIL NUM NEGÓCIO... DA CHINA!

Na sequência do intercâmbio das equipas de ping-pong, as relações entre os Estados Unidos e a República Popular da China desenvolveram-se bastante, tendo atingido ponto alto, este ano com a visita que Teng Hsiao Ping fez às terras do dólar.

Em múltiplos sectores as relações de cooperação têm sido, o que se chama, um espanto!, e pouco previsíveis, ainda há bem pouco tempo. Também no petróleo, haverá, dentro em breve, o que se pode dizer, um negócio da China!...

Trata-se da Mobil Oil Corporation, que celebrou um contrato com aquele país, para conduzir um vasto programa de pesquisas geofísicas ao largo da costa no sul do Mar da China. As pesquisas sísmicas, terão início em meados do Verão deste ano, sendo efectuadas pelo navio geofísico da Mobil, T. W. Nelson, que se encontra equipado com instrumentos electrónicos extremamente avançados e com um computador que tem como função o processamento de dados sísmicos, gravimétricos, magnéticos, de satélite e de posicionamento geográfico.

Enfim, agora que os Arabes parecem armados em brutos, na questão do petróleo, os americanos não perdem tempo, e já andam a farejar outros lados.

Querida e abençoada terra onde nasci!

Manuel Guerreiro Farrajota

LUCAS PIRES CONTRA MONOPÓLIO DE TELEVISÃO

Integrada nas comemorações do 1.º aniversário da Rádio Televisão Independente, o vice-presidente do CDS, Lucas Pires, proferiu uma importante conferência, onde abordou as questões da liberdade de expressão e de informação, e do monopólio constitucional de televisão pelo Estado.

Para Lucas Pires, a televisão não pode ser objecto de posse única pelo Estado, uma vez que a liberdade de expressão se entende contra o Estado e não através do Estado. Esta conceção verdadeiramente revolucionária, coloca em breves pa-

avras de síntese, o dedo na ferida, apontando muito claramente porquê, os senhores que detêm o Poder, se defendem com unhas e dentes ao articulado constitucional que preceitua a posse da Televisão pelo Estado. Apelando no sentido de que surgesse um amplo movimento social que mobilizasse a população em termos de se concretizar a revisão da Constituição, Lucas Pires vincaria ainda que Portugal tem o regime de televisão mais fechado da Europa. E ainda há quem fale em entrar para a Europa, sem antes abrir as próprias portas, e respirar o ar puro da verdadeira liberdade.

O incêndio da Serra de Monchique justificou a intervenção na A. R. do deputado socialista Fernando Reis Luís

Eis o conteúdo do requerimento que dirigiu o Presidente da Assembleia da República:

— Considerando os avultados prejuízos causados pelo devastador incêndio verificado nas florestas da serra de Monchique nos dias 15 e 16 de Julho de 1979;

— Considerando os fracos recursos económicos dos agricultores e pequenos proprietários que muito dependiam dos bens então devorados pelas chamas;

— Considerando, ainda, que a causa remota dos prejuízos foi uma queimada na Ilheira da Câmara Municipal de Monchique;

— Considerando o teor de minha intervenção na Assembleia da República, no dia 17/7/79.

Ao abrigo das disposições cons-

titucionais e regimentais, requeiro ao Governo que me presente os seguintes esclarecimentos:

1.º — Admite o Governo poder vir a considerar o referido incêndio, para todos os efeitos, como uma circunstância anormal prevista no artigo 16.º, n.º 2, da Lei n.º 1/79, de 2 de Jameiro?

2.º — Considera o Governo serem importantes as tomadas de medidas de prevenção contra os fogos florestais na serra de Monchique, nomeadamente a instalação de postos de vigilância e atribuição de equipamento especializado aos Bombeiros Voluntários de Monchique?

Lisboa, 18 de Julho de 1979
Palácio de São Bento

O Deputado do P. S.
a) Fernando Reis Luís

Alteração ao sistema de crédito bonificado pelo Estado

No sentido de tornar mais eficaz o sistema de crédito bonificado pelo Estado à aquisição de casa própria e melhorar as condições de acesso à habitação das famílias de menores rendimentos foi publicada em 30 de Julho último a Portaria n.º 308/79, que para além de actualizar os valores dos parâmetros definidores do sistema de crédito bonificado pelo Estado à aquisição de casa própria introduz algumas inovações relativamente às anteriormente publicadas.

Efectivamente, a par da actualização dos valores do custo de construção por m² e dos escalões de rendimento, por forma a ajustá-los à evolução, entretanto registada a nível destas variáveis, procedeu-se a algumas melhorias com vista a tornar este sistema de crédito socialmente mais justo e selectivo.

Assim, excluíram-se do regime de crédito bonificado pelo Estado as habitações com área bruta total superior a 140 m², por se entender que não é socialmente correcto que a comunidade subsídie habitações acima daquela dimensão e procurando-se incentivar a construção de habitações de áreas não excessivamente elevadas.

Na medida em que os custos da construção por m² estão estreitamente correlacionados com a dimensão das habitações e, por forma a atenuar esta diferença, a nova Portaria considera, para as várias classes, custos/m² diferentes, consoante a dimensão

seja inferior ou superior a 100 m², sendo, os limites mais elevados no primeiro caso, em que o valor máximo admissível é de 12 700 /m², enquanto no segundo caso não ultrapassa 12 300/m².

Saliente-se ainda que relativamente à Portaria anterior se verifica a redução de um ponto percentual nas taxas de juro iniciais a cargo do mutuário, para os três primeiros escalões de rendimento e duas primeiras classes de custo de construção, visando atenuar o esforço das famílias de mais reduzidos rendimentos com a aquisição de casa própria e, por outro lado, estimular a produção de habitações de custo moderado.

ATÉ O LEITE JÁ SUBIU DE PREÇO

(continuação da pág. 1)
clamavam mexida nos preços, caso contrário, parava a mexida nas ordenhas. Mas a verdade, verdinha, é que então, quando se aumentava um tostão no preço, desatava tudo numa mugida, que ninguém dava conta do peso. Hoje, quando se aumenta, é às bateladas, e o Zé Pagode chucha como pode, encolhe a bariga e descarrega os ombros. Que diferença, meus senhores! E afinal, foram só cinco anos... Como é possível?...

C. D. S. TEM NOVOS DIRIGENTES EM ALBUFEIRA

Em Albufeira, realizaram-se há dias as eleições dos órgãos directivos do C.D.S., acto que teve a presença dos srs. Ruy de Oliveira e Júlio Baptista Coelho, respectivamente secretário-geral do CDS e presidente da Comissão Executiva do distrito de Faro.

Foram eleitos, para o período de um ano os seguintes membros.

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Professor António de Almeida; Secretários, Dolores da Conceição Guerreiro Vieira e Eduardo Kropotkin.

COMISSÃO DE ADMISSÕES

Presidente, Vitor Miguel Vieira de Sousa; vogais, José Simões Rita e Raul da Encarnação Nunes.

COMISSÃO DE DISCIPLINA

Presidente, Dr. Carlos Ganhão; vogais, Manuel Rebelo Gomes e Maria Henriqueta Félix Cardoso.